



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
HUMANAS

**RELAÇÕES PRIMÁRIAS DE RECONHECIMENTO E PSICANÁLISE
NA TEORIA CRÍTICA DE AXEL HONNETH**

João Paulo dos Santos Salva

Campinas
Março de
2019

JOÃO PAULO DOS SANTOS SALVA

**RELAÇÕES PRIMÁRIAS DE RECONHECIMENTO E PSICANÁLISE NA
TEORIA CRÍTICA DE AXEL HONNETH**

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Maria Lygia Quartim de Moraes

Este trabalho corresponde à versão final da dissertação defendida pelo aluno João Paulo dos Santos Salva e orientada pela professora Dra Maria Lygia Quartim de Moraes

Campinas Março
de 2019

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

Sa38r Salva, João Paulo, 1986-
Relações primárias de reconhecimento e psicanálise na teoria crítica de Axel Honneth / João Paulo dos Santos Salva. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Maria Lygia Quartim de Moraes.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Honneth, Axel, 1949-. 2. Teoria crítica. 3. Reconhecimento (Psicologia). 4. Psicanálise. I. Moraes, Maria Lygia Quartim de, 1943-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Primary relations of recognition and psychoanalysis on Axel Honneth critical theory

Palavras-chave em inglês:

Critical theory

Recognition (Psychology)

Psychoanalysis

Área de concentração: Sociologia

Titulação: Mestre em Sociologia

Banca examinadora:

Mario Augusto Medeiros da Silva

Josué Pereira da Silva

Luiz Gustavo da Cunha de Souza

Data de defesa: 20-03-2019

Programa de Pós-Graduação: Sociologia

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-9318-597X>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/5863820384068757>



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação/Tese de Mestrado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 20/03/2019, considerou o candidato João Paulo dos Santos Salva aprovado.

Prof Dr Mario Augusto Medeiros da Silva – presidente da comissão examinadora
Prof Dr Josué Pereira da Silva
Prof Dr Luiz Gustavo da Cunha de Souza

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao CNPq por ter financiado esta pesquisa (processo 133507/2016-5) e ter dado todo apoio necessário para sua realização.

Agradeço a minha mãe Cida Salva pelo apoio incondicional, sem ela eu jamais conseguiria realizar meus estudos, sua força de vontade é uma inspiração para mim tenho muito orgulho de ser seu filho, agradeço também a minha companheira de todas as horas Talita Aranda que dividiu sempre com muito amor os momentos relevantes de minha vida e atura minhas reflexões em qualquer hora do dia, muito obrigado por dividir sua vida comigo.

Agradeço ao meu amigo Celso Spinardi Júnior que dividiu muitas horas do seu dia comigo durante nosso período na graduação em que ficávamos “flanando” por aí (é isso aí Celsão). Agradeço também ao meu amigo Luis Fernando Gonçalves “manga” por todos esses anos de amizade e por ser um grande companheiro na Puc- Campinas, obrigado.

Agradeço também a todo o povo da Aruanda pela ajuda prestada e pelo aconchego nas horas difíceis, muito obrigado.

Obviamente eu não poderia deixar de agradecer a todos os docentes do departamento de sociologia da Unicamp, pela dedicação em transmitir o conhecimento. Em especial agradeço também à professora Maria Lygia Quartim de Moraes por ter assumido esse desafio de me orientar em tão pouco tempo, muito obrigado pela ajuda prestada professora.

Agradeço ao professor Silvio César Camargo pelas orientações, disponibilidade e paciência durante praticamente todo o período do meu mestrado, muito obrigado professor, Agradeço também aos membros do grupo de pesquisa em Teoria Crítica e Sociologia da Unicamp por me proporcionar a possibilidade de ouvir e participar de discussões fundamentais.

Agradeço também a todos os colegas que dividiram comigo os anos na graduação e no mestrado, certamente pude aprender muito com todos, muito obrigado.

Por último agradeço a meu pai Osvaldo Salva por tudo que me proporcionou durante sua curta vida.

Resumo

O presente trabalho tem como tema a discussão sobre as esferas primárias de reconhecimento na teoria crítica de Axel Honneth. Para isto foi tomado como foco de análise as conceituações do autor acerca do papel estruturante do amor, da intersubjetividade e da psicanálise para a configuração de seu modelo crítico. Na medida em que Axel Honneth situa na esfera afetiva o primeiro passo para o reconhecimento e se esforça em dar uma inflexão empírica a tal pressuposto abre-se a possibilidade de uma discussão importante com a teoria psicanalítica acerca do papel da intersubjetividade. Nesse sentido, é considerado um aspecto fundamental desse trabalho a discussão sobre a influencia da teoria psicanalítica das relações de objeto formuladas pelo psicanalista inglês Donald Winnicott para Axel Honneth e como a afinidade com esse modelo implica na recusa à metapsicologia freudiana, desse modo, buscou-se evidenciar no percurso desta dissertação tanto a importância da esfera primária de reconhecimento intersubjetivo para a ideia de luta empreendida por Axel Honneth quanto o alcance do recurso à psicanálise realizada pelo autor de Frankfurt na tentativa de referendar a experiência elementar do reconhecimento.

Abstract

The subject matter of this dissertation is the discussion about the primary spheres of recognition in the critical theory of Axel Honneth. For this, was taken as the focus of analysis the the author's conceptualizations about the structuring role of love, intersubjectivity and psychoanalysis for the configuration of his critical model. To the extent that Axel Honneth situates in the affective sphere the first step towards recognition and strives to give an empirical inflection to this presupposition it opens the possibility of an important discussion with psychoanalytic theory about the role of intersubjectivity. In this sense it is considered a fundamental aspect of this work the discussion on the influence of the psychoanalytic theory of object relations formulated by the English psychoanalyst Donald Winnicott for Axel Honneth and how the affinity with this model implies in the refusal to the Freudian metapsychology, therefore, the objective was to identify in the course of this dissertation both the importance of the primary sphere of intersubjective recognition for the idea of struggle theorized by Axel Honneth and the scope of the psychoanalytic resource in the attempt to refer to the elementary experience of recognition.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo 1 – Antecipação a uma teoria do reconhecimento: A crítica de Honneth e a busca de uma práxis pré-teórica como fundamento da Teoria Crítica	15
1.2 – A formação da identidade: aproximações entre Habermas e Jean Piaget.....	27
Capítulo 2 - As bases afetivas do reconhecimento na teoria crítica de Axel Honneth	34
2.1 - O saber-se no outro: amor e reconhecimento.....	38
2.2- A natureza dialógica do sujeito em Herbert Mead.....	47
2.3 – Reificação como esquecimento do reconhecimento.....	56
Capítulo 3- Reconhecimento e Psicanálise: A primazia relacional na construção do eu	66
3.1 Aspectos históricos de uma relação entre Psicanálise e Teoria Crítica	67
3.2 Erich Fromm: Psicanálise e análise da sociedade do ponto de vista interacionista.....	70
3.3 Da simbiose à autonomia: sobre as relações entre a Teoria do Reconhecimento e a psicanálise de Donald Winnicott.....	78
3.4 A psicanálise e o avesso do reconhecimento	84
3.5 Apontamentos sobre a metapsicologia enquanto ficção heurística	90
3.5.1 Metapsicologia enquanto superestrutura heurística.....	95
Considerações Finais.....	101
Referências Bibliográficas.....	106

Introdução

No que diz respeito a centralidade das discussões aqui apresentadas optamos por pontos que se ligam à importância das esferas primárias de interação e reconhecimento. Assim, no primeiro capítulo trataremos tanto da crítica de Axel Honneth aos modelos teóricos que, na visão do autor, falham em buscar um acesso à práxis social, quanto da tese por nós levantada acerca do recurso à psicanálise e a psicologia como tentativas de possibilitar a compreensão da dimensão pré-teórica dos indivíduos.

Nesse ponto, a teoria de Habermas cumpre um papel fundamental para nossa dissertação, pois como veremos o autor sustenta grande parte das potencialidades normativas da razão comunicativa a partir de um desenvolvimento evolutivo apropriado da teoria de Jean Piaget. Mais, além disso, deve ficar claro em nosso primeiro capítulo que em grande parte da história da Teoria Crítica as ciências que edificam seu corpus teórico em torno do radical “psico” cumprem um papel fundamental para a lógica normativa da Teoria Crítica e isso ocorre na medida em que tanto a psicologia quanto da psicanálise estruturam-se ou a partir de uma lógica evolutiva, ou de uma radicalidade que extrapola os diversos territórios da dominação.

Essa primeira discussão deve nos levar, pelo menos é isso que almejamos, a aquilo que percorre a essência de nosso trabalho, nesse sentido, o segundo capítulo que apresentaremos visa mais propriamente a relação entre intersubjetividade e Teoria Crítica, desse modo, seguiremos o caminho da obra *Luta por Reconhecimento* para compreender como a ideia de intersubjetividade se desdobra na teoria de Honneth e como esta se ancora nos pressupostos filosóficos dos escritos hegelianos de Jena e na psicologia social de Herbert Mead.

Contudo, é válido ressaltar que nosso caminho nesse capítulo não será o de percorrer a tentativa de compreensão sobre todos os aspectos da intersubjetividade na obra de Honneth, mas sim buscaremos demonstrar que o amor, enquanto uma atitude primária desta intersubjetividade é essencial para uma teoria do reconhecimento. Diante disso, o conceito de reificação soa como elemento importante a nossa argumentação, pois como veremos, tal conceito trata justamente de elucidar, na ótica honnethiana, o momento em que se perde, ou se esquece da capacidade afetiva do reconhecimento.

Além desses pontos que elegemos como essenciais, a teoria psicanalítica se apresenta a nós como interlocutora privilegiada, pois em larga medida ela se apresenta como uma disciplina que extrapola a limitação de um recurso na teoria do reconhecimento, assumindo, nesse sentido, uma posição constitutiva. Tomando como válida a afirmação supracitada, nos parece claro que em suas formulações a ciência do inconsciente apropriada por Honneth se consubstancia efetivamente nas ações elementares de reconhecimento e, desse ponto de vista, marca sua importância fundamental na medida em que aponta na direção de que todas as formas maduras de reconhecimento são tributárias de um desenvolvimento que pode ser melhor analisado pela ótica da teoria psicanalítica.

De fato, esse trabalho possui a ambição de caminhar entre a teoria social e a psicanálise para se chegar a possíveis explicações que satisfaçam minimamente a complexidade do problema apresentado e isso se deve necessariamente ao levantamento da hipótese, ainda nebulosa para nós, de que nas formulações da teoria do reconhecimento, especificamente no que diz respeito a esfera primária, a

psicanálise parece não ter sido suficientemente esgotada em toda sua potencialidade e complexidade por Axel Honneth.

De certo, a retirada dos pressupostos idealistas de Hegel por intermédio da contribuição psicanalítica é sem dúvida um *insight* dos mais interessantes da teoria de Axel Honneth, no entanto, nos parece que em *luta por reconhecimento* existam algumas lacunas sobre a teoria psicanalítica, um exemplo claro disso diz respeito a ausência de uma discussão sobre o abandono do freudismo em detrimento da teoria psicanalítica winnicottiana das relações de objeto.

Sendo nitidamente conhecida a importância da obra freudiana na história da Teoria Crítica entendemos que seria relevante, ao menos na especificidade do reconhecimento primário, um diálogo sobre a tradição psicanalítica que em verdade na obra de Honneth se apresenta marginalmente. É diante disso, que buscamos no terceiro capítulo deste trabalho imprimir a discussão acerca da recusa de Axel Honneth para com alguns aspectos da teoria freudiana, afinal se os padrões de reconhecimento representam condições intersubjetivas fundamentais e universais cabe a nós então discutir psicanaliticamente o valor dessa afirmação em Freud e em Winnicott já que não nos parece consensual a ideia de que toda ciência do inconsciente dê a intersubjetividade um status privilegiado.

Dessa forma, podemos assumir que ao menos a concepção de liberdade interna como liberdade intersubjetivamente compartilhada deverá ser posta em suspensão quando refletida pelos pressupostos radicais freudianos. De fato, Axel Honneth utiliza categorias próprias de um tipo de psicanálise que na mesma medida em que possibilita ao autor aprofundar empiricamente a questão da formação da subjetividade enquanto parte de um reconhecimento intersubjetivo o afasta dos

pressupostos mais radicais da teoria freudiana. Nesse sentido, os trabalhos de Donald Winnicott soam para Honneth como um fundamento psicanalítico que possibilita dar a luta por reconhecimento seu caráter ontogênico sem a necessidade de recorrer a especulações metapsicológicas próprias do radicalismo Freudiano.

Levando tais afirmações em consideração o objetivo de nossa discussão será o de clarificar, portanto, em que sentido e por qual razão Axel Honneth parece recusar as ideias freudianas em sua teoria do reconhecimento e, nesse sentido, acaba optando por um tipo de psicanálise que recusa as hipóteses metapsicológicas. É possível falarmos em uma esfera primária de reconhecimento apenas com as conceituações Freudianas? Em que sentido as conceituações acerca da intersubjetividade estariam em risco quando lidas na perspectiva metapsicológica da pulsão de morte?

Para sustentar esses pontos cruciais de nossa investigação trataremos em primeiro lugar sobre o próprio fio condutor da reconstrução teórica proposta por Honneth, nesse sentido, o conceito de “luta por reconhecimento” deverá ser discutido, assim como as estratégias da reformulação empreendidas pelo autor para retirar de tal conceito os pressupostos metafísicos hegelianos, pois se para Honneth a ideia de um indivíduo íntegro deve se sustentar necessariamente através de uma sequência de formas de reconhecimento situadas nas distintas realidades da vida social, tal processo por obviedade não pode se dar por bases metafísicas e talvez tampouco por critérios metapsicológicos.

Por fim, ao discutirmos sobre natureza essencialmente intersubjetiva dos indivíduos nossos objetivos estarão voltados para o entendimento de que desde os primeiros momentos da vida as interações sociais, mesmo as mais básicas, são

fundamentais para a formação tanto da identidade a um nível individual quanto para as pretensões de respeito que desdobram-se socialmente a partir das formas sociais de reconhecimento.

Capítulo 1 – Antecipação a uma teoria do reconhecimento: A crítica de Honneth e a busca de uma práxis pré-teórica como fundamento da Teoria Crítica.

Na proposta teórica apresentada por Axel Honneth, fundamentalmente em *Luta por Reconhecimento* (2003), o autor elabora uma teoria do conflito social que traz em seu substrato a ideia de uma necessidade formativa no qual os indivíduos estruturam-se por meio de um reconhecimento de suas expectativas morais. No entanto, para além de uma construção puramente psíquica e, portanto auto engendrada da busca por ser reconhecido, o que se coloca na base desse processo é o espaço potencial das interações intersubjetivas para a formação pessoal.

Nesse sentido, o que podemos depreender como social para Axel Honneth é que esse conceito se forma a partir das relações de reconhecimento realizada nas interações sociais intersubjetivas, dessa forma, uma das tarefas elementares de seu modelo crítico consiste em explicitar a hipótese segundo a qual as expectativas morais se cumprem mediante um conflito, um processo de luta por reconhecimento inscrito nas práticas sociais.

Como decorrência disso, segue a tese de longo alcance formulada pelo autor onde as relações de reconhecimento carregam pretensões normativas em sua estrutura o que possibilitaria tanto o entendimento da mudança social quanto o direcionamento as possibilidades de emancipação.

De fato, com as afirmações descritas acima é possível passarmos a uma compreensão de que Axel Honneth almeja restaurar um dos ideários fundamentais da teoria crítica inaugurada por Max Horkheimer mediante uma reformulação que abarque efetivamente um acesso teórico aos domínios da ação social. Desde o

início desse modelo teórico, segundo Honneth (1999) a Teoria Crítica da Sociedade sustenta uma espécie de crítica capaz de indicar uma instância pré-científica a qual seu próprio ponto de vista crítico está vinculado.

Isso significa que a realização da Teoria Crítica deve encontrar seu fundamento crítico na imanência das relações e experiências sociais de sua época. Desse ponto de vista, Horkheimer é entendido como uma figura fundamental para Honneth, pois como nos afirma Melo (2017):

Honneth retira [de Horkheimer] suas expectativas teóricas mais importantes: de um lado, a pretensão de elaborar uma teoria voltada às experiências pré-científicas e cuja capacidade crítica estaria inscrita nas próprias interações sociais; de outro lado, fundamentar uma teoria crítica da sociedade capaz de assumir a difícil tarefa de refletir sobre seu “contexto de surgimento”, assim como suas possibilidades políticas de realização prática e emancipatória.

No entanto, se nos dirigirmos, por exemplo, a uma das ideias fundamentais exposta em Crítica do Poder (2009) Honneth aponta justamente para a necessidade de reavaliação sobre os pressupostos elencados na primeira geração de teóricos críticos, pois embora os textos seminais de Max Horkheimer carreguem potencialmente a ideia de uma esfera de ação denominada como comportamento crítico está ainda se fixaria na lógica de um funcionalismo marxista que reduziria a própria ação aos domínios do trabalho social.

Nesse sentido, a tese apresentada por Honneth é explicitada como uma crítica da própria ideia de dominação, enquanto ideia unilateral centrada na lógica marxista do trabalho. Como nos expõe Souza (2012)

A implicação de uma redução da atividade crítica humana ao trabalho sobre a natureza é, então, a de que todas as atividades nas quais os indivíduos agem criticamente com relação a si mesmos, isto

é, as atividades interativas, são reduzidas a funções da dominação do mundo externo. Neste sentido, as disposições intersubjetivas e as atividades coletivas que não se referem àquela esfera são ignoradas ou vistas como elementos do trabalho. (p.63)

Efetivamente nos parece claro que as hipóteses de Axel Honneth sobre as propriedades essenciais desse fazer teórico, assim como, a própria crítica ao modelo proposto por seus primeiros pensadores visa, mediante uma reconstrução a própria continuidade do autor nessa tradição. Em nosso ponto de vista, não se trata, portanto de realizar a crítica pela crítica, mas sim a tentativa pela via crítica de restaurar os pontos cegos de uma teoria que busca sua realização na perspectiva da emancipação.

Desse modo, o intuito de Axel Honneth (ibid) no primeiro capítulo do texto em questão é justamente o de demonstrar as dificuldades fundamentais do projeto de Horkheimer em “teoria tradicional, teoria crítica (1937)” de produzir uma análise social sobre bases empíricas. No argumento honnethiano, Horkheimer não produz uma explicação suficiente sobre aquilo que ele mesmo define como sendo a expressão do comportamento crítico enquanto estrutura da práxis social, pois teria omitido as possíveis dimensões práticas da ação e da vida cotidiana por conta de uma redução na qual se derivaria do trabalho toda ação humana. Nesse sentido, expõe então que:

É esse reducionismo conceitual que impedirá Horkheimer de compreender adequadamente as práticas genuínas que ocorrem na esfera de ação durante confrontos e conflitos sociais como tais. Apesar da definição epistemológica da Teoria Crítica, ele realmente não levou a sério em termos conceituais as dimensões práticas de ação apresentado na luta social na forma de uma esfera autônoma da reprodução social. E por essa mesma razão, Horkheimer renuncia

à possibilidade de levar mais em conta a organização hermenêutica da realidade social.¹ (p.12)

Esses pontos fundamentais da interpretação de Honneth permitiram a construção de uma tese crucial, a da existência de um suposto “déficit sociológico” no modelo crítico de Horkheimer. Mesmo com todo o programa de um materialismo interdisciplinar que percorria a construção da Teoria Crítica ao longo da década de 1930 o qual visava por meio das especificidades das ciências um entendimento profundo acerca da dimensão das experiências cotidianas, essas segundo Honneth se tornaram insuficientes justamente por permanecerem presas a coluna mestra do trabalho social enquanto estrutura conceitual essencial. Como nos aponta Melo (ibid).

Isso acabaria inviabilizando diagnósticos do tempo em que potenciais emancipatórios (nos comportamentos críticos dos sujeitos) e formas sociais de dominação da subjetividade pudessem ser investigadas adequadamente. Se toda práxis social é categorialmente um tipo de atividade produtiva, os diagnósticos parecem já estar pré-determinados pela atividade do trabalho. O bloqueio da crítica se generaliza, já que não é passível de ser questionado por potenciais emancipatórios ou de resistência que deveriam ser investigados sempre de maneira imanente a seus contextos sociais de surgimento.

Desse modo, na visão de Honneth mesmo a tentativa de integrar as diversas formas de conhecimento para a compreensão da experiência social de um tempo, como ocorreu nos estudos sobre autoridade e família nos anos de 1930, já estaria de certa forma fadado a um fracasso, pois a centralidade da práxis produtiva inviabilizaria um acesso ao universo da práxis ordinária onde os indivíduos são socializados e formariam suas convicções, independente da lógica do trabalho. Diante dessa exposição, entendemos que a forma como se deu a integração da

¹ Tradução minha do original: Es este reduccionismo conceptual el que va a impedir que Horkheimer comprenda adecuadamente las prácticas genuinas que en la esfera de la acción tienen lugar durante las confrontaciones y conflictos sociales como tales. A pesar de la definición epistemológica que realiza de la Teoría Crítica, él no toma realmente en serio en términos conceptuales las dimensiones prácticas de la acción que se presentan en la lucha social bajo la modalidad de una esfera autónoma de la reproducción social. Y por esa misma razón, Horkheimer renuncia a la posibilidad de tener más en cuenta a la organización hermenéutica de la realidad social (p.12)

psicanálise com a Teoria Crítica nos anos de 1930 pode representar um exemplo importante desse suposto reducionismo apontado por Axel Honneth, nesse sentido, nos esforçaremos em apresentar tal problemática mesmo que maneira resumida.

No que diz respeito ao movimento surgido em meio ao círculo psicanalítico de Berlim nas décadas de 1920 e 1930 os teóricos que ficaram conhecidos freudo-marxistas se esforçaram em conjugar as ideias da psicanálise á uma teoria materialista da história para fundamentar a ciência do inconsciente como uma disciplina crítica desmistificadora da ideologia burguesa. Desse ponto de vista, a grande temática que percorria o ideário político e teórico dos psicanalistas de esquerda era o da tentativa de compreender como o a ideologia é interiorizada no processo do desenvolvimento psicosssexual do indivíduo.

Tudo se desenvolve como se o ego em última instância fosse o resultado de um processo totalizante de assimilação da ordem vigente e nesse sentido, as mediações familiares ocupariam apenas o papel da transmissão, pela via do recalque, da ideologia. Em todo caso, toma-se a família como um elemento funcionalista capaz de repassar a lógica do modo de vida burguês.

A relação entre indivíduo e sociedade que se desdobra apontaria, portanto, para uma lógica onde o jogo de forças estaria entre a pulsão individual e as estruturas de dominação da sociedade capitalista, Fenichel apud Rouanet (2001) é claro nesse aspecto ao citar que:

Essa percepção da influência da ideologia sobre o processo psíquico, e deste sobre a gênese e os efeitos da ideologia, leva a ideia de que o aparelho pulsional, do qual emana a energia necessária para alimentar os valores ideológicos, é totalmente plástico, podendo ser modificado de forma a predispor-lo para uma reestruturação no sentido de sua influenciabilidade pela ideologia (p.25)

Efetivamente, Fenichel assume que o fundamento da psicologia é o de investigar a ação do organismo biológico, ou seja, a estrutura pulsional e o meio que atua sobre este organismo. Essa definição preliminar caracteriza a junção entre psicanálise e materialismo histórico, haja vista a afirmação de que são as condições materiais da existência que moldariam aquilo que o próprio autor denomina como “constituição biológica do organismo”, nesse sentido, tanto as necessidades materiais quanto naturais (psicológicas) de qualquer indivíduo seriam tributárias da superestrutura da qual esse organismo parte.

A grande questão que nos motiva nessas poucas afirmações visa demonstrar então que a problemática sobre as possibilidades de um acesso a aquilo que Honneth (ibid) denominou como instância pré-científica já era uma condição fundamental, contudo, ofuscada pelas determinações teóricas de um marxismo ortodoxo. De fato, é válido ressaltar que o cerne da questão nos freudo marxistas é base considerável para a integração da psicanálise com a teoria crítica, ou seja, para a participação mais efetiva da psicanálise no instituto de pesquisa social de Frankfurt que pode ser expressa na relação entre Erich Fromm e Max Horkheimer.

Nossa intenção é demonstrar seguindo os passos de Axel Honneth em *Critica do Poder*, que mesmo com todo o interesse por parte dos teóricos críticos pela psicanálise, sobretudo no que diz respeito a sua capacidade de análise sobre as dimensões inconscientes que sustentam a dominação, está se torna insuficiente em seu próprio objetivo quando é alicerçada sob uma lógica funcionalista onde o trabalho se torna a coluna mestra para o entendimento das práticas sociais.

No instituto de pesquisa social de Frankfurt no início da década de 1930 Erich Fromm se torna o principal aliado de Max Horkheimer e se responsabiliza pela pesquisa psicológica nos artigos da *Zeitschrift für Sozialforschung*. É nesse período

que ele lança dois ensaios relevantes que fundamentam a psicanálise como meio importante para a pesquisa materialista, nesse sentido o conceito de caráter produzido pelo autor atua como uma mediação essencial para o entendimento da dinâmica entre indivíduo e sociedade.

De fato, Fromm em “Método e Tarefa de uma Psicologia Social Analítica” (1932), e “Caracterologia Psicanalítica e sua Relevância para a Psicologia Social” (1932) deram a possibilidade para Max Horkheimer visualizar uma formação ideal de seu materialismo interdisciplinar, pois se por um lado uma teoria materialista da história seria capaz de compreender pela via das determinações econômicas o funcionamento da ideologia, por outro lado, como nos aponta Yamawake (2015):

...não pode explicar mais especificamente como a ideologia opera, não explica o que exatamente faz com que os indivíduos se adaptem a uma realidade que os domina. Da mesma forma, não pode compreender sozinha o que faz surgir uma consciência revolucionária. A psicologia tem, portanto, o papel de compreender, sempre tendo em mente o substrato materialista em que se encontra, como se formam no âmbito psíquico tanto a consciência ideológica, que mantém em funcionamento uma dada configuração social, quanto a revolucionária, que procura transformá-la (p.27)

Desse modo, a forma como a psicanálise é inserida no programa da teoria crítica parte de uma fundamentação já postulada pelos freudo-marxistas, nesse sentido, o papel da psicanálise deve ser o de, pela apropriação de uma teoria das pulsões (ou do caráter conforme Fromm), produzir uma resposta sobre como a dominação penetra nas estruturas subjetivas dos indivíduos e como estas podem ser moldadas segundo as determinações históricas da sociedade.

Nesse ponto nos parece claro que o alicerce interdisciplinar entre psicanálise e materialismo, isto é entre Erich Fromm e Max Horkheimer, foi

sustentado por uma leitura crítica da obra freudiana. Assim, como sugere Yamawake (ibid):

Horkheimer se apropria da primeira teoria das pulsões de Freud que define dois tipos de impulsos: as pulsões do ego, inadiáveis, segundo Horkheimer, se relacionam com a integridade física; e as pulsões sexuais, plásticas e moldáveis, se relacionam com a integridade social. Embora os inadiáveis precedam em urgência para a sobrevivência do ser humano, muitas vezes eles podem ser aliviados por um determinado tempo pela satisfação do segundo tipo de impulso:

Esse par de conceitual, pulsões sexuais/ pulsões do ego parece sugerir tanto a Horkheimer como a Fromm uma interpretação fundamental acerca da dinâmica entre o individual e o social, pois assumindo que as pulsões sexuais se relacionam diretamente com a integridade social por sua característica modificável diante do meio e que diante disso, influenciam a própria estrutura pulsional pela satisfação temporária das pulsões de autoconservação a implicação resultaria na compreensão de que a formação das estruturas psíquica dos indivíduos depende fundamentalmente do contexto histórico em que estão inseridos.

Nesse sentido, podemos afirmar segundo a lógica dos autores que a satisfação de qualquer pulsão guarda uma proximidade essencial com o condicionamento social em que o indivíduo se insere. É uma relação onde a biografia individual é continuamente afetada pelas condições objetivas da vida, desse ponto de vista é ampliada a noção da própria psicanálise, pois muito embora sua tarefa primordial talvez seja a da compreensão das experiências individuais essas surgem como resultantes de uma condição histórica específica. É diante disso que Erich Fromm (1982) ressalta que sua tarefa principal seria de:

Em primeiro lugar: descrever a estrutura libidinal de uma determinada sociedade e explicar a origem dessa estrutura e sua função no processo social. Um elemento importante deste trabalho,

então, será a teoria explicando como as ideologias surgem da interação do aparato psíquico e das condições socioeconômicas.² (p.496)

Como escopo de nossa argumentação sugere o que estamos tentando evidenciar é a ideia de que, como nos indica Honneth (ibid), mesmo com todos os méritos teóricos da integração da psicanálise no modelo crítico de Horkheimer a análise se torna insuficiente na medida em que entre a biografia individual e a estrutura econômica da sociedade não se visualiza um meio de ação das práticas sociais. A citação que se segue, embora longa sintetiza a crítica que nos propusemos a expor, sendo assim, Honneth (op.cit) argumenta que:

Fromm permite que os conceitos fundamentais da teoria psicanalítica da personalidade e a teoria econômica da sociedade se entrecruzem diretamente; entre ambos marcos categoriais, a dimensão da ação social, na qual a concreta se forma paulatinamente o potencial pulsional, fica, por assim dizer, pulverizado. A família que representa no marco de referencial da concepção de Fromm o contexto social comunicativo geral, aparece como mera função de um processo econômico muito mais amplo; os imperativos funcionais da economia capitalista funcionam como coações práticas dentro dos processos de interação familiar... O fechado funcionalismo em que ele termina recaído é assim o núcleo escondido da psicologia social de Fromm. Como Helmut Dahler sinalizou, se trata de uma abordagem que se encontra muito próxima de uma teoria da socialização total, posto que nem por um lado – em oposição, por exemplo, as forças sistêmicas da economia – nem por outro se reconhece a disposição afetiva individual a possibilidade de um excesso libidinal nem a ação social algum tipo de autonomia socializadora diante das coações do sistema econômico (p.22)³

² Tradução minha do original: Its task is, first of all, to analyze the socially relevant libidinal strivings: to describe the libidinal structure of a given society. and to explain the origin of this structure and its function in the social process. An important element of this work, then, will be the theory explaining how ideologies arise from the interaction of the psychic apparatus and the socio-economic conditions

³ Tradução minha do original: Fromm permite que los conceptos fundamentales de la teoría psicoanalítica de la personalidad y los de la teoría económica de la sociedad se entrecrucen directamente; entre ambos marcos categoriales, la dimensión de la acción social, en cuya realidad concreta se forma paulatinamente el potencial pulsional individual, queda, por así decirlo, pulverizada. La familia, que representa en el marco de referencia de la concepción de Fromm el contexto social comunicativo general, aparece como mera función de un proceso económico mucho más amplio; los imperativos funcionales de la economía capitalista funcionan como coacciones prácticas dentro de los procesos de interacción familiar... El cerrado funcionalismo en el que termina recayendo este modelo es así el núcleo escondido de la psicología social de Fromm. Como Helmut Dahler ha señalado, se trata de un planteamiento que se encuentra muy próximo a una teoría de la socialización total puesto que ni por un lado —en oposición, por ejemplo, a las fuerzas sistémicas de la economía— ni por otro se reconoce a la disposición afectiva individual la posibilidad de un exceso libidinal ni a la acción social algún tipo de autonomía socializadora frente a las coacciones del sistema económico.(p.22)

Diante do que expusemos até aqui deve se tornar clara a hipótese de Honneth sobre as tarefas de se realizar uma Teoria Crítica, isto é, “criar um novo acesso teórico aquela esfera social em que um interesse na emancipação possa estar ancorado em termos précientíficos” (Honneth, 1999)

Torna-se relevante expor ainda que os questionamentos propostos por Honneth o situam numa concepção de sociedade que é ampla na medida em que supõe uma dimensão relacional de valores que formam os indivíduos para além da dinâmica econômica⁴. Devemos ressaltar, contudo, que essa preocupação de Axel Honneth não é necessariamente uma problemática nova, de fato desde seu surgimento a Teoria Crítica da Sociedade passou por distintas reformulações daquilo que podemos chamar de modelos críticos.

Interessa-nos aqui evidenciar, mesmo que superficialmente, um desses modelos críticos justamente por entendermos que ele influenciou grande parte da base conceitual de Axel Honneth. É dessa maneira que chegamos a Jürgen Habermas, de fato a afirmação de John Abromeit (2011) acerca da crítica que Honneth impôs a Horkheimer é sugestiva para nossa argumentação, nesse sentido Abromeit expõe que a crítica de Honneth a Horkheimer toma como base a mesma crítica que Habermas endereçou a Marx a qual pode ser resumida da seguinte maneira:

...que sua teoria da história e da sociedade estão baseadas em um modelo de trabalho concebido como ação instrumental, como a manipulação da natureza de acordo com imperativos racionais com respeito a fins, que obscurece o caráter fundamentalmente diferente da interação social mediada simbolicamente. Honneth essencialmente transpõe a objeção de Habermas a Marx contra

⁴THIJSSSEN, Peter. (2012) From mechanical to organic solidarity, and back: with Honneth beyond Durkheim. European Journal of Social Theory, vol.15, n°4.

Horkheimer, assumindo assim que este adotou completamente as hipóteses de Marx” (p.217).

Parece-nos aceitável afirmar que para Habermas as formulações originais de Marx devem ser reavaliadas ou talvez abandonadas sem que isso implique necessariamente em deixar de lado um fazer teórico crítico, pois o que permanece em destaque é a possibilidade da realização de um diagnóstico do tempo presente crítico o suficiente para a compreensão dos aspectos decisivos das relações sociais. A distinção entre sistema e mundo da vida exposta na *Teoria da ação comunicativa (2016)* visa justamente responder a essa problemática, pois ao encontrar nos fundamentos de uma razão comunicativa as possibilidades de uma lógica em que a reprodução simbólica depende de mecanismos comunicativos de coordenação da ação se abre o acesso tanto para um entendimento das práticas inscritas na realidade das relações sociais, quanto a possibilidade de se pensar a emancipação pela via do consenso mediado pela linguagem.

Para Habermas a razão comunicativa possui um *status* tão fundamental quanto à ação material nos processos de formação da sociedade, nesse sentido, sua constituição teórica visa pela ideia de um entendimento comunicativo a compreensão sobre uma práxis social que extrapole os limites de uma filosofia da História centrada na noção de trabalho, ou seja, para ele, como aponta Souza (2009):

... não é mais o processo de apropriação da natureza que baliza a socialização humana, mas os acordos comunicativos que garantem até mesmo a capacidade de apropriação da natureza, assim como o desenvolvimento das identidades, que só podem ocorrer por meio da intersubjetividade .(p.68-69)

Desse modo, a questão essencial de sua teoria social é balizada pela intuição de que é por meio do processo de interação social que se fundamenta as

possibilidades efetivas de uma evolução das capacidades humanas para além dos mecanismos de dominação, assim como afirma Repa (2008) sobre a ação comunicativa:

Procura realizar essa tarefa de ser uma fonte de critérios normativos que estão enraizados na práxis social e vinculados às potencialidades de uma vida emancipada. Isso porque é por meio das ações comunicativas que o mundo da vida se reproduz em sua dimensão simbólica, não material. Refiro-me a dimensão que abarca as criações culturais, as formas sociais de solidariedade e as estruturas da personalidade individual (p.166).

Não é o alvo desta dissertação aprofundar as questões da teoria de Habermas nem tão pouco se aprofundar nas diferenças entre seu modelo crítico tomando como comparativo seus antecessores, efetivamente existem uma gama de trabalhos que tratam dessas temáticas com profundidade tanto teórica quanto analítica. O que objetivamos, no entanto, é argumentar a favor de uma tese que se desdobra a partir da afirmação de que em todo percurso da Teoria Crítica, ou seja, desde seu surgimento com Max Horkheimer, a tentativa de acesso ao que se compreende como instância pré-científica ocorre pelo recurso as disciplinas que são alicerçadas na busca da compreensão dos processos subjetivos.

Nesse sentido, nos aproximamos à hipótese de que a entrada da psicanálise no campo da teoria crítica, assim como a das diversas referências a psicologia social e do desenvolvimento, sobretudo na obra de Habermas visa contribuir para a correção e atualização tanto daquilo que Honneth chamou de déficit sociológico, quanto das possibilidades de se encontrar uma orientação normativa inscrita na estrutura psíquica dos indivíduos. A partir do exposto destacaremos a seguir, portanto como a aproximação de Habermas com a teoria do desenvolvimento de Jean Piaget visa justamente um referencial que de conta da compreensão da

assimilação das práticas sociais a partir da ótica de uma razão comunicativa.

1.2 – A formação da identidade: aproximações entre Habermas e Jean Piaget

Em nosso entendimento é fundamental diante dos caminhos da escrita que seguimos, tratarmos das aproximações entre Habermas e Jean Piaget, pois nossa compreensão vai ao encontro de uma hipótese que pode ser delineada da seguinte maneira: As teorias psicológicas do desenvolvimento, como a de Piaget, conferem a ação comunicativa um substrato ontogenético que permite a compreensão do desenvolvimento moral e comunicativo dos indivíduos como potenciais explicativos para a evolução social. Dito de outra forma, a teoria piagetiana oferece um suporte à teoria da ação comunicativa em sua dimensão estrutural, pois oferece uma lógica comum tanto do desenvolvimento individual quanto social.

Desde a distinção entre *trabalho e interação* (1967), Habermas constrói a ideia de que a tanto a formação do ser humano quanto sua realização no mundo se alicerça tomando como base dois pontos distintivos, sendo um aquele que se volta a reprodução material da sociedade e o outro à reprodução simbólica da sociedade, disso decorreriam as potencialidades de um desenvolvimento social que atinge seu auge do mundo moderno a partir da acepção conceitual que o autor desenvolve como níveis pós-convencionais⁵ de interação social e de realização da identidade pessoal.

⁵ Como nos afirma Bannwart (2002): No nível pós-convencional há a necessidade de que os indivíduos superem o plano habitual e ingênuo do exercício das ações para alçar o plano reflexivo d argumentações. Nesse sentido, as instituições existentes que normatizam as ações mediante o direito positivo – desconexas de qualquer legitimidade oriunda das imagens religiosas e metafísicas do mundo – ficam desprotegidas diante do potencial crítico da fala, que pode ser mobilizado, numa atitude hipotética para inferir as pretensões de validade normativa dessas instituições existentes. No nível pós-convencional, a base consensual das interações não é mais garantida pelas instituições alicerçadas em pressupostos tradicionais, valorativos ou religiosos-metafísicos, antes, porém, passa a depender da evolução das estruturas prático-morais da sociedade (p.53)

Efetivamente essa distinção em dois níveis do desenvolvimento social forma-se na teoria habermasiana a partir de uma crítica fundamental a Marx, ou melhor, a concepção de que Marx situa o motor do desenvolvimento social unilateralmente, ou seja, partindo da lógica de uma ação racional-teleológica ou ação racional com respeito a fins. Nesse sentido, os processos de aprendizagem e evolução da relação indivíduo/sociedade estariam desproporcionalmente situados mais na análise da dimensão puramente objetiva e econômica da reprodução social que no desenvolvimento das partir normas de validade intersubjetiva conectadas por expectativas recíprocas de comportamento. Nesse sentido, Olmos (1991) expõe:

A distinção entre ação racional com respeito a fins e interação simbolicamente mediada, entre trabalho e ação comunicativa, constitui a tipificação de dois sistemas de ação diferentes e irreductíveis entre si, por meio de cada um se produz a realização de importantes funções como às referidas ao trabalho técnico e instrumental e as relações sociais intercomunicativas, entendidas como relações éticas. Em todo caso, com a distinção entre trabalho e interação, Habermas quer capturar dois momentos da realização ou constituição da espécie humana como etapas de um desenvolvimento pós-convencional, próprias do mundo moderno. Desta maneira, reinterpreta alguns aspectos da filosofia de Hegel do período de Jena, onde se distingue linguagem, trabalho e relação ética como três momentos do desenvolvimento do espírito (p.6).⁶

Enfim, o que nos esforçamos para deixar claro até esse momento é o fato de que Habermas amplia a dimensão da racionalidade desdobrando-a por um lado em uma razão instrumental como referência a base material da sociedade e por outro a uma racionalidade comunicativa como elemento analítico capaz de

⁶ Tradução minha do original: La distinción entre acción racional con respecto a fines e interacción simbolicamente mediada, entre trabajo y acción comunicativa, constituye la tipificación de los sistemas de acción diferentes e irreductibles entre sí, por medio de cada uno de los cuales se produce la realización de importantes funciones como son las referidas al trabajo técnico e instrumental y a las relaciones sociales intercomunicativas, entendidas como relaciones éticas. En todo caso, con la distinción entre trabajo e interacción, Habermas quiere atrapar dos momentos de la realización o constitución de la especie humana en su evolución hacia etapas de desarrollo socialmente postconvencionales, propias del mundo moderno. De esta manera, reinterpreta algunos aspectos de la filosofía de Hegel en el período de Jena, donde distingue entre lenguaje, trabajo y relación ética como tres momentos del desarrollo del espíritu (p.178)

compreender os níveis mais fundamentais da integração social, dessa maneira, essa duplicação possibilitaria “sanar” a limitação marxiana de reduzir a sociedade ao nível de sua base exclusivamente material.

No entanto, feito esse caminho de aproximação a alguns poucos traços fundamentais da teoria habermasiana retomamos agora para o que nos interessa essencialmente, ou seja, a compreensão de como a evolução social, tributária então da razão comunicativa a qual se materializa no mundo da vida, é conjecturada por Habermas a partir de uma interpretação acerca da psicologia do desenvolvimento piagetiana. Em nosso entendimento, tal questão vai ao encontro de um dos fundamentos desse capítulo, qual seja o da possibilidade de demonstrar que na tentativa de acesso à dimensão da práxis social os teóricos críticos historicamente lançaram mão de disciplinas centradas na subjetividade, na psique ou como no caso de Habermas, nos aspectos cognitivos morais do desenvolvimento humano.

Em todos os casos, segundo a nossa compreensão essa interdisciplinaridade própria de todos os modelos críticos possuem pretensões normativas e efetivamente se desdobram na tentativa tanto da compreensão da dominação quanto no horizonte de emancipação. É diante disso justamente que o empreendimento de Habermas no quesito da evolução social como sugere Bannwart (2013) visa a demonstração das condições estruturantes que “apontam o desenvolvimento de novos níveis de integração social por meio da universalização e abstração das estruturas normativas da moral e do direito” (p.81). Thomas Mc Carthy (1992) elucida essa questão da seguinte forma:

A ideia principal é que a evolução social pode ser entendida como um processo de aprendizagem, não no sentido da psicologia behaviorista – que, no juízo de Habermas, não é suficientemente complexa para captar outra coisa que mecanismo de aprendizagem

periféricos – se não no sentido da psicologia evolutiva cognitiva. Para este delineamento é central a noção de lógica evolutiva, a qual inclui uma distinção entre níveis de aprendizagem, que podem caracterizar-se em termos formais, e os processos de aprendizagem que são possíveis em cada um dos níveis. Baseando-se nessas ideias, Habermas constrói os princípios de organização social como inovações sócio - estruturais que institucionalizam lógico-evolutivos de aprendizagem; esses princípios de organização social estabelecem as condições estruturais para os processos de aprendizagem técnico e prático em diversos níveis particulares de desenvolvimento. (...) A evolução social pode considerar-se, então, como um processo de aprendizagem bidimensional (cognoscitivo/técnico e prático/moral), cujos estádios podem descrever-se estruturalmente e ordenar-se de acordo com uma lógica evolutiva.(p.287)

Para tanto, essa lógica de evolução social e sua respectiva importância parte da formulação piagetiana de que o conhecimento e o desenvolvimento individual se dão por sucessões de conquistas cognitivas morais, como estágios necessários à evolução do indivíduo.

Nesse sentido, a maturação é entendida como um processo de formação e desempenha o papel de abrir as possibilidades evolutivas ao indivíduo para a experiência que ocorre no meio físico. A experiência é fundamental na medida em que ela se configura como uma estrutura ativa que permite a relação da cognição com o meio físico, a transmissão social é necessária para a assimilação das informações e regras sociais e a equilibração é essencial, pois nas palavras de Piaget (2007) *toda evolução ocorre sempre na direção de um equilíbrio, mas sem um plano preestabelecido, assim como a marcha para o equilíbrio da entropia em termodinâmica. (p.155)*

Em nossa análise, é com a dinâmica desses conceitos tanto ontogenéticos quanto sociais sobre a estrutura elementar do desenvolvimento que Habermas busca referendar, portanto tanto a evolução social quanto as

possibilidades de emancipação das dominações sociais, conforme nos demonstra Freitag (1995).

Ao lado de um conceito de sociedade que associa a perspectiva subjetiva (interna "do mundo vivido") à perspectiva objetiva (externa, ou sistêmica) e ao resgate de um conceito de racionalidade dialógica, a teoria da modernidade habermasiana procura explicar a gênese da moderna sociedade ocidental, diagnosticar as suas patologias e buscar soluções para a sua supressão... Essa nova teoria evolutiva procura evitar as falhas das antigas teorias da evolução (de Comte, Spencer, Darwin), via de regra unilaterais e simplificadoras, compreendendo os processos de transformação das formações societárias como processos coletivos de aprendizagem. À semelhança da descentração que caracteriza, segundo Piaget, o aprendizado da criança, as sociedades teriam a capacidade de "aprendizado", superando princípios de organização mais simples e menos eficazes em favor de princípios novos mais universais, mediante sucessivas descentrações.(139)

No que diz respeito à formação do indivíduo por essas sucessivas descentrações Habermas aponta que o “eu” competente, ou seja, aquele que desenvolveu uma razão comunicativa que lhe possibilita assumir lógico e moralmente o ponto de vista de outros indivíduos corresponde fundamentalmente ao “eu” piagetiano que passou por diversas etapas até se constituir enquanto um sujeito que no sentido pleno do termo possui consciência de si.

Somente um indivíduo que possui consciência de si é capaz de se colocar diante de um discurso prático mediado por uma razão comunicativa, pois esse discurso só pode ser exitoso quando o indivíduo possui uma visão descentrada do mundo, ou seja, quando percebe que a sua consciência está para outra consciência, afinal um indivíduo que se concentra em si mesmo não terá condições de reconhecer a importância do princípio universal para questões morais, conforme nos aponta (Bannwart, *ibid*).

A centralidade dessa questão que Habermas definiu como a “identidade

do eu” diz respeito ao entendimento de que o processo de desenvolvimento parte de uma etapa para outra por meio de desestruturação, assimilação e equilíbrio constantes. Desse modo, no percurso evolutivo do desenvolvimento ⁷que implica em resoluções sucessivas de conflitos tanto de natureza externa (sociedade e cultura) quanto de natureza interna (desejos e pulsões) o indivíduo vai adquirindo autonomia e a potencialidade para a identidade de si mesmo. É em decorrência desse processo que o indivíduo se integra ao sistema social e apropria-se de um universo simbólico. A esse respeito Habermas (1983) é claro ao afirmar que:

Uma identidade bem-sucedida do Eu, significa a capacidade peculiar de sujeitos capazes de falar e agir, de permanecerem idênticos a si mesmos, inclusive nas mudanças profundas da estrutura da personalidade, com as quais eles reagem a situações contraditórias. Os sinais de auto-identificação, todavia, devem ser reconhecidos intersubjetivamente, a fim de poder ser fundada a identidade de uma pessoa. Distinguir a si mesmo dos outros deve ser algo reconhecido por esses outros. A unidade simbólica da personalidade, produzida e mantida através da auto-identificação, apoia-se, por sua vez, no fato de se estar inserido na realidade simbólica de um grupo, na possibilidade de se localizar no mundo desse grupo. Uma identidade de grupo que vá além das biografias individuais, portanto, é condição para a identidade da pessoa singular (p.78-79)

O que buscamos deixar claro até aqui é a ideia de que Habermas, a partir dessa retomada piagetiana, busca demonstrar que as estruturas do agir comunicativo são exteriorizadas por aquisições graduais dos indivíduos em interação e que a partir dessas aquisições o próprio potencial de uma razão comunicativa pode desdobrar-se socialmente.

A razão de termos trilhado tal caminho nesse primeiro capítulo nos leva diretamente a uma tese que aproxima Habermas a Honneth, qual seja a de afirmar a

⁷De fato, Habermas na teoria da ação comunicativo (2016) distingue quatro estágios de desenvolvimento, a partir do referencial piagetiano, são eles: simbiótico, egocêntrico, sociocêntrico e o universalista, este último talvez o mais importante para uma teoria da sociedade.

existência de uma correlação profunda entre ambos no que diz respeito à formação da identidade do “eu” que se forma e se defronta intersubjetivamente no social. Como vimos no caso da teoria habermasiana segue-se mais propriamente a compreensão dessa questão pela psicologia cognitivista de Piaget enquanto no caso de Axel Honneth o caminho escolhido o aproxima mais da psicanálise de Winnicott como veremos com maior profundidade no decorrer dessa dissertação.

Cabe ressaltar, contudo, que não é interesse desta dissertação apontar as diferenças entre a teoria do reconhecimento de Axel Honneth e a teoria do agir comunicativo de Habermas, ou seja, esmiuçar a crítica honnethiana segundo a qual aponta que:

O processo emancipatório no qual Habermas ancora socialmente a perspectiva normativa de sua Teoria Crítica não está de forma alguma refletido como tal nas experiências morais dos sujeitos envolvidos, pois eles vivenciam uma violação do que podemos chamar suas expectativas morais, isto é, seu ponto de vista moral, não como uma restrição das regras de linguagem intuitivamente dominantes, mas como uma violação das pretensões de identidade adquiridas na socialização. No modelo habermasiano, pode-se explicar como um processo de racionalização comunicativa do mundo da vida pode desdobrar-se historicamente, mas não como ele se reflete nas experiências dos sujeitos humanos como um estado moral de coisas. (Honneth 1999- p.328)

De fato, tratar dessas considerações exigiria um esforço que certamente transcenderia os limites deste trabalho, ao contrário optamos por um caminho que deve percorrer mais centralmente a perspectiva de que as pretensões de identidade a que Honneth se refere são construídas na base das experiências primárias e como tal podem ser captadas por um referencial psicanalítico. Veremos agora, como Honneth apoia-se na ideia de afetividade para a construção de sua teoria do reconhecimento.

Capítulo 2- As bases afetivas do reconhecimento na teoria crítica de Axel

Honneth

Neste capítulo, visaremos perquirir as bases primárias que estruturam o reconhecimento na teoria de Axel Honneth, buscaremos evidenciar que, em sua tentativa de formular uma teoria crítica que possui como base o reconhecimento, o amor se coloca como uma esfera essencial para o seu fundamento crítico normativo. Nesse sentido, se seguirmos de acordo com o movimento tripartite, que sustenta a teoria do reconhecimento, a saber: amor, direito e solidariedade, exposta em *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*⁸, obrigatoriamente devem-se considerar as discussões suscitadas por Axel Honneth em relação a uma exposição sobre os aspectos primários do reconhecimento formulados tanto nos escritos de Hegel⁹ quanto na psicologia social de Georg Herbert Mead.

De antemão, devemos deixar claro que o intuito de centralizarmos a análise no que entendemos como as bases afetivas primárias dessa teoria vem ao encontro de uma hipótese ainda pouco discutida sobre esse momento da teoria crítica ancorada nos termos de Honneth, qual seja: o de procurar compreender esse momento da experiência em que todo indivíduo se relaciona afetivamente com o social. É bem verdade que o que denominamos como social nesse ponto se desdobra em alguns níveis que, ao longo de nosso trabalho, buscaremos clarificar, mas por ora o que nos interessa é a compreensão da qualidade desse movimento de reconhecimento que percorre, desde a formação da personalidade

⁸ Para as reflexões expostas neste capítulo, baseamo-nos na edição brasileira -Tradução. Luiz Repa. São Paulo: Ed 34. 2003.

⁹ É válido ressaltar que, embora, em *Luta por reconhecimento*, o autor centralize sua análise nos escritos de juventude de Hegel, entendemos que posteriormente Honneth assume um diálogo com as obras maduras de Hegel.

individual, até sua relação mais tácita com o social, como, por exemplo, na esfera do direito moderno.

Assim, em nosso entendimento, o ponto culminante da proposta formalizada por Axel Honneth exhibe o reconhecimento como uma categoria estruturante tanto da consciência individual pela via do amor quanto da consciência do ser genérico como ser dotado de direitos universalmente compartilhados. Nesse sentido, Axel Honneth (2003) nos expõe, seguindo a concepção de Hegel que:

O modelo de Hegel toma seu ponto de partida da tese especulativa segundo a qual a formação do Eu prático está ligada à pressuposição do reconhecimento recíproco entre dois sujeitos: só quando dois indivíduos se veem confirmados em sua autonomia por seu respectivo defrontante, eles podem chegar de maneira complementária a uma compreensão de si mesmos como um Eu autonomamente agente e individuado. (p.120)

Reconhecer e ser reconhecido seriam então dois momentos de uma mesma ordem na qual, diferentemente das concepções atomísticas da filosofia moderna¹⁰, sujeito e objeto, autoconsciência e universalidade, indivíduo e sociedade devem se construir mutuamente.

É valendo-se, portanto, dessa afirmativa essencialmente hegeliana que nós estruturaremos esse ponto do trabalho. Assim, o primeiro momento de nossa análise discutirá as considerações de Axel Honneth sobre a categoria do amor nos escritos do filósofo de Jena, pois, de maneira geral, a tese apresentada em *Luta por reconhecimento* aponta inicialmente para uma atualização dos escritos empreendidos por Hegel, nos quais, de acordo Axel Honneth, estariam inscritas as possibilidades de uma interpretação da evolução social partindo da hipótese de

¹⁰No primeiro capítulo de *Luta por reconhecimento*, especificamente em “Luta por auto conservação” Honneth dirige esse conceito de atomismo principalmente a Thomas Hobbes e Nicolau Maquiavel.

uma luta por reconhecimento que seguiria desde a formação do sujeito singular até a universalização dos direitos na esfera jurídica e estima social na esfera dos valores simbólicos de uma sociedade.

Desse ponto de vista, nosso estudo visará justamente à compreensão da formação desse dito sujeito singular a partir de uma discussão que perpassa na definição do papel do amor tanto na filosofia como na teoria social.

Em um segundo momento deste capítulo, nossa análise visará compreender as motivações de Axel Honneth em se apropriar da psicologia social pragmática de George Herbert Mead para referendar uma ideia de reconhecimento válida a uma teoria social que busque seu conteúdo normativo. Dessa maneira, para retirar esse esquema conceitual de amor e reconhecimento de um quadro especulativo, faz-se necessário, a teoria social, que busca sua fundamentação na materialidade, o apoio de uma ciência que tem por objeto o estudo da formação da subjetividade sobre bases empíricas.

Nesse quadro teórico, nosso intuito será o de discutir, a partir da releitura da filosofia hegeliana levantada por Honneth, a análise do processo de formação da individualidade à luz da psicologia social de Herbert Mead¹¹. Desse modo, tentaremos apresentar como a intersubjetividade pode ser pensada a partir de uma categoria empírica que pode ser articulada ao modelo de uma teoria crítica.

Acreditamos, assim, contribuir para a clarificação desse modelo de reconhecimento, situando e desvelando, nas formulações de Honneth acerca de Mead, a chave para que possamos entender como a afetividade primária pode ser

¹¹ É parte de nosso trabalho discutir também a formação da individualidade na perspectiva psicanalítica, discussão que será tratada no terceiro capítulo.

entendida fundamentalmente como algo que estrutura tanto o ser individual quanto as relações sociais. Nesse sentido, seguimos a exposição de Axel Honneth (Ibid), segundo a qual:

...sob os pressupostos conceituais naturalistas como na psicologia social de George Herbert Mead; seus escritos contêm até hoje os meios mais apropriados para reconstruir as intuições da teoria da intersubjetividade do jovem Hegel num quadro teórico pós-metafísico. (p. 125)

Em nosso objetivo de compreender essa experiência afetiva do amor no quadro de uma teoria do reconhecimento, deve-se tornar claro até aqui que tal enfoque se desdobrará na tentativa de tratar as discussões sugeridas por Honneth de uma maneira afirmativa, ou seja, percorreremos o caminho de entendimento de como o amor pode ser apreendido como fundamental em uma experiência intersubjetiva. No entanto, julgamos essencial ao fundamento explicativo de nosso estudo a compreensão da importância afetiva do amor partindo de uma discussão acerca do que seria uma relação em que o avesso dessa afetividade se coloca, sugerindo então uma relação com ausência de um reconhecimento legítimo, nos termos da teoria crítica honnethiana¹².

Dessa maneira, o último esforço deste capítulo privilegiará as discussões de Axel Honneth sobre a relação entre as bases afetivas que suscitamos e o conceito de reificação como uma forma de esquecimento do reconhecimento. Nesse sentido, nossa discussão versará sobre a importância das relações primárias para a conquista de um engajamento empático entre sujeitos, substrato então da intersubjetividade e fundamental para a práxis do reconhecimento. Nessa direção, Honneth (2007^a) nos aponta: “É este momento de esquecimento, de amnésia, que

¹²Cabe ressaltar que a reificação é uma categoria central em toda a história da Teoria Crítica inaugurada por Horkheimer.

*quero constituir na chave de uma nova definição do conceito de reificação*¹³.(p.93)

Diante, portanto, das enunciações esboçadas até aqui, reforçamos que o fundamento de nosso trabalho deve apontar para a clarificação acerca da potencialidade das relações afetivas primárias para uma teoria crítica que busca se assentar em uma teoria da luta por reconhecimento. Desse ponto de vista, atentamos ao fato de que historicamente a teoria crítica da sociedade sempre promoveu a interdisciplinaridade com a psicanálise e psicologia e campos que lidam essencialmente com a subjetividade e a formação da personalidade, para a explicação do funcionamento da sociedade e, mais, como horizonte de uma possível emancipação de uma ordem “perversa” de organização social.

Desde os freudo-marxistas até os primeiros escritos de Adorno, Horkheimer e Marcuse, a compreensão dos elementos afetivos dos indivíduos é apreendida¹⁴, inicialmente, como meio explicativo para o entendimento das atitudes autoritárias e do fascismo e, posteriormente, como fundamento privilegiado para a compreensão da dominação social. Seguiremos assim o caminho já historicamente delineado, porém agora seguindo os passos de Axel Honneth.

2.1 - O saber-se no outro: amor e reconhecimento

O amor, como relação de reconhecimento, designa para Axel Honneth um estágio primeiro e necessário no qual os indivíduos se formariam como seres autônomos e individualizados, para além de uma ideia romantizada de amor. Essa

¹³ Tradução minha da versão em espanhol de *Reificación un estudio en la teoría del reconocimiento*, segue o texto original: “*Es este momento de olvido, de la amnesia, el que quiero constituir en la clave de una nueva definición del concepto de ‘reificación’*”.

¹⁴ Sobre a história da articulação entre Teoria Crítica e Psicanálise, a obra de Martin Jay é essencial: JAY, Martin. *A Imaginação Dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

hipótese apresenta como fundamento a concepção de que a intersubjetividade posta nas relações afetivas primárias seria fundamental para a formação de indivíduos seguramente capazes de se apresentar no mundo em uma relação de confiança em si mesmos e no outro generalizado, reconhecendo-se como pessoas intactas em seus direitos e dando reconhecimento a outrem. Nesse sentido, a ideia de um “ser-si-mesmo em outro” apontado por Honneth na filosofia de Hegel não quer exprimir outra coisa além de afirmar que a formação dos sujeitos enquanto singularidade dependeria de um conflito, engendrado por reconhecimento, que pendularia entre autonomia e simbiose.

Em verdade, pretendemos, durante nossa incursão nesta temática, apontar que se tornam fundamentais a teoria da luta por reconhecimento, a partir de Hegel, além de uma discussão afirmativa acerca do amor e sua importância para a intersubjetividade. Honneth, assim entendemos, predispõe-se a essa tarefa ao se concentrar nos escritos de Hegel do período de Jena, como nos aponta Crissiuma (2013), ao afirmar que o autor analisa os textos hegelianos de juventude buscando apresentar a gênese e o conceito de luta por reconhecimento a fim de oferecer uma *“teoria social normativamente carregada” que conciliasse a seu modo conflito e interação comunicativa (p.63)*. Honneth parte do modelo hegeliano do amor para posteriormente configurá-lo em bases pós-metafísicas tomando de empréstimo as ideias de Mead e Winnicott, por exemplo. Todavia, parece-nos pertinente acreditar que o sustentáculo da esfera do reconhecimento do amor permanece em um diálogo essencialmente hegeliano.

De fato, existe uma grande diversidade de trabalhos que tem se atido à temática do amor na obra de Hegel¹⁵ sustentando sua validade para uma teoria do

¹⁵ Por exemplo, WILLIAMS, Robert. R. Recognition: Fichte and Hegel on the other. New York. State University of New York Press, 1992.

reconhecimento e, em certo sentido, situando a hipótese de que, mesmo que em graus distintos de importância, a afetividade na obra hegeliana extrapola os escritos de juventude e se mantém até os *Princípios da Filosofia do Direito*. Dieter Heinrich (1990), um dos grandes estudiosos da obra hegeliana, é um dos que sustentam essa afirmação. Segundo ele, após Hegel ter adotado o conceito de amor em sua teoria do reconhecimento como princípio básico de seu pensamento, seu sistema seguiu adiante sem interrupções. O tema do amor foi substituído, ainda segundo Heinrich, por uma estrutura mais rica entendida como “vida” e ainda mais tarde pelo conceito de espírito. No entanto, mantém como princípio aquele momento de unificação entre sujeito e objeto a partir de uma identificação entre ser e outro.

Se nos colocarmos perante esse ideário com o intuito de nos inserirmos nessa discussão a fim de compreender o amor como uma estrutura válida na luta por reconhecimento proposta por Honneth, Wickert (2013) nos possibilita uma boa reflexão sobre o assunto. Assim:

Em Hegel, na obra “Realphilosophie”, o conceito de amor é entendido como um pensar a essência no outro, ou o fora de si no outro. Precisamente porque o encontro consigo mesmo pelo amor é um encontro e um encontrar do outro no outro e em si mesmo. O amor exerce aqui uma duplicidade, pois é no amor ao outro que ele me encontra e me reconhece como outro ao mesmo tempo em que descubro o outro no esquecimento (renunciando) de mim mesmo. Por essa razão que o saber de si é um saber que intui um saber do outro. Assim como cada um é um saber para si, o outro também se sabe como um ser para si, ou seja, o outro se sabe como outro. O ser para si converte-se num ser-para-outro, sendo assim, o outro se sabe em mim. Ser-para-outro é um estar fora de si, pois o outro se reconhece em mim, este conhecer do outro em mim é o amor. (p.113)

Na estrutura tripartite da teoria do reconhecimento sobre a qual Axel

Honneth se apoia, temos que o amor prevalece como o núcleo central do qual se desdobram o direito e a estima social. Parece-nos aceitável ressaltar nesse ponto que seu programa de construção de uma teoria crítica que mantém como horizonte uma perspectiva normativa sustenta como ponto essencial a prevalência de um conflito inerente a condição humana. Tal condição estruturante da intersubjetividade, que se inicia com a própria vida, traz consigo um processo contínuo de individuação e assimilação do outro como individualidade. Mas como é possível esse desdobramento intersubjetivo? E mais: como podemos seguir com o que nos parece uma das preocupações centrais de Axel Honneth (op-cit) de que “o processo da individuação, discorrendo no plano da história da espécie, está ligado ao pressuposto de uma ampliação simultânea das relações de reconhecimento mútuo” (p.156)?

São esses os questionamentos que nos levam com grande motivação a seguir a discussão acerca das bases afetivas do reconhecimento entendendo que estas são de grande valia, haja vista que, se for correto o que se segue, Honneth (Ibid) aquiesce a Hegel ao assentir que o amor é a categoria estruturante de toda eticidade:

Falar do amor como um elemento da eticidade pode significar em nosso contexto que a experiência de ser amado constitui para cada sujeito um pressuposto necessário da participação na vida pública de uma coletividade. (p.79)

Desse ponto de vista, a afetividade alimentada de maneira simbiótica surge como substrato de todas as esferas intersubjetivas da realidade social, e é a geradora da autoconfiança individual que fornece as bases para uma interação bem sucedida entre indivíduo e sociedade. Ainda que um pouco distante das referências dos escritos de Jena, caros para Axel Honneth, Hegel, na

fenomenologia do espírito (1992), é contundente nas afirmações que tratamos até aqui e assim nos revela:

A consciência-de-si é em si e para si quando e porque é em si e para si para uma Outra; quer dizer, só é como algo reconhecido. O conceito dessa sua unidade em sua duplicação, [ou] da infinitude que se realiza na consciência-de-si, é um entrelaçamento multilateral e polissêmico. Assim seus momentos devem, de uma parte, ser mantidos rigorosamente separados, e de outra parte, nessa diferença, devem ser tomados ao mesmo tempo como não-diferentes, ou seja, devem sempre ser tomados e reconhecidos em sua significação oposta. O duplo sentido do diferente reside na [própria] essência da consciência-de-si: [pois tem a essência] de ser infinita, ou de ser imediatamente o contrário da determinidade na qual foi posta. O desdobramento do conceito dessa unidade espiritual, em sua duplicação, nos apresenta o movimento do reconhecimento. (p.12)

O ser si mesmo, como indivíduo dotado de particularidades, sugere sempre uma ligação que flutua entre autonomia e dependência, pois a constituição do si exige a relação com o ser do outro, destarte o amor é o elo que possibilita esse duplo movimento de reconhecer e ser reconhecido. Se seguirmos com as explanações de Williams (1992) sobre a importância do amor nos escritos hegelianos de Jena, a inclinação do autor parece corroborar para a demonstração de que o conceito afetivo que elencamos como essencial funcionaria com um “*princípio social de união*”¹⁶ (p.85) e ainda como algo estruturalmente fundamental para o reconhecimento do ser para si e do ser para outro. Por esse ângulo, sustenta ainda o autor que, para Hegel, o que mantém as características fundamentais do amor é “*uma relação intersubjetiva expressada na união comum*

¹⁶ Tradução minha do original: *Social principle of union*.

dos parceiros e não separada em suas individualidades privadas".¹⁷ (p.86).

Se nos permitirmos dar um salto reflexivo até os *princípios da filosofia do direito de Hegel* (2003), podemos afirmar que as ideias sobre esse reconhecer-se no outro ressoa centralmente nos parágrafos em que o autor se ocupa sobre o valor do casamento enquanto expressão da vontade individual legitimada pelo direito. Ademais, no início da referida exposição,¹⁸ o autor dispõe-se ainda, em uma nota preliminar, a deixar clara a sua concepção do amor e assim exprime que o:

Amor significa, em termos gerais, a consciência de minha unidade com outro, por isso eu não sou isolado a mim mesmo, mas ganho minha autoconsciência apenas na renúncia de minha independência e por conhecer a mim mesmo na relação e união com outro. (p.137)

Parece-nos aceitável a compreensão de que Hegel sugere que o elo fundamental que vincula o matrimônio moderno não está sobre as bases de uma relação contratual que incide sobre a individualidade da pessoa autônoma, enquanto portadora de direitos naturais; para mais que isso: a centralidade do casamento é a capacidade de duas exterioridades autônomas se transformarem através do amor em unidade do espírito que se revela na família. Assim, Hegel (*ibid*) expõe:

O elemento moral objetivo do casamento consiste na consciência desta unidade como fim essencial, porquanto no amor, na confiança e na comunhão de toda a existência individual. Neste estado psicológico e real, o instinto natural

¹⁷ Tradução minha do original: *an intersubjective relation expressing the common bond of the partners and not their separate private individuality*

¹⁸ Tradução minha do original: *Love means in general terms the consciousness of my unity with another, so that I am not in selfish isolation but win my self-consciousness only as the renunciation of my independence and through knowing myself as the unity of myself with another and of the other with me.*

reduz-se ao modo de um elemento da natureza destinado a apagar-se no mesmo momento em que se satisfaz, e o laço espiritual eleva-se ao seu legítimo lugar de princípio substancial, isto é, acima do acaso das paixões e gostos particulares efêmeros, e ao que é indissolúvel em si. (§163. p.152)

Em *O direito da liberdade* (2015), Axel Honneth, ao realizar uma discussão contemporânea acerca do amor, da amizade e da família como lugar social da realização da liberdade, sugere como ponto de partida as mesmas reflexões hegelianas que afirmamos anteriormente. Em sua análise, que extrapola o conservadorismo burguês do século XIX, confere ao amor um caráter democrático que vai além da estreiteza dos gêneros pré-definidos e nesse sentido aponta que a escolha de parceiros por meio exclusivo da afeição revela o processo de institucionalização do amor, além do contrato matrimonial, como um progresso de liberdade das individualidades desde o século XVIII. Desse modo, expõe então que:

Hegel é apenas um entre muitos, quando em sua Filosofia do Direito procura demonstrar em que medida, no matrimônio estabelecido puramente na afeição, as necessidades de ambas as pessoas unidas efetivam um desdobramento reciprocamente desejado e, desse modo, realmente se satisfazem numa livre interação. (p.259)

Nesse momento da exposição, devemos nos atentar ao fato de que nossa empreitada até aqui vem ao encontro de um esforço em buscar demonstrar, tomando como exemplo alguns poucos pontos da obra hegeliana, a importância de uma categoria central que nos permita a compreensão sobre a afirmação segundo a qual, nas palavras de Axel Honneth, (op-cit) “toda teoria filosófica da sociedade tem de partir primeiramente dos vínculos éticos”(p.43).

Acreditamos assim que tal categoria, que podemos definir como as bases afetivas dos vínculos éticos ou – em outros termos – amor, traz a possibilidade de levantar a hipótese de que, embora a luta por reconhecimento formalizada por Axel Honneth se apresente como uma teoria social a qual, nesse sentido, se interessa mais pelos desdobramentos dessa “eticidade natural” na esfera do direito e da estima social, ainda assim, na base de toda a sociedade, inscreve-se aquele momento em que os sujeitos anseiam pela experiência de apreensão afetiva do reconhecimento primário para além da esfera íntima. Em *Sofrimento de indeterminação: uma reatualização da filosofia do direito de Hegel (2007b)*, Honneth, em sua digressão acerca das condições para a eticidade, expõe de maneira contundente que os pressupostos necessários para a consciência humana de liberdade se colocam essencialmente na condição da interação, pois:

...uma vez que os sujeitos somente podem se experimentar como livres em suas limitações em face de um outro humano, então deve valer para toda a esfera da eticidade o fato de ter de residir nas práticas de interação intersubjetiva; aquelas possibilidades de auto-realização individual, que essa esfera pôs à disposição, devem ser compostas em certa medida pelas formas de comunicação nas quais os sujeitos podem ver reciprocamente no outro uma condição de sua própria liberdade. (p.107)

Assim, a discussão que empreendemos até aqui acerca do amor enquanto relevante para a compreensão da evolução moral da sociedade, vista da perspectiva de uma luta por reconhecimento, toma corpo e demonstra sua validade fundamental. Contudo é premente assinalarmos que Honneth não se ocupa do amor como uma categoria central, tampouco busca em sua teoria crítica desenvolver uma espécie de psicanálise social que enxerga nos vínculos afetivos

a centralidade de uma teoria da sociedade. Não podemos, no entanto, deixar de lado – e nisso se insere nosso objetivo – o fato de que, em seu modelo de luta, o amor ocupa uma posição inicial e, por isso mesmo, importante. Afinal, como o próprio Axel Honneth (2007c) nos escreve, em seu artigo intitulado “*Amor e moralidade: sobre o conteúdo moral dos laços emocionais*”,¹⁹ em nossa vida cotidiana o “*amor é provavelmente a atitude na qual nos damos mais atenção, e ainda assim o objeto do amor ocupa um pequeno papel na filosofia do período do pós-guerra.*” p.163.

Dessa maneira, se Axel Honneth pretende prosseguir com as teorizações hegelianas de uma luta por reconhecimento, decorre daí a necessidade de se colocar no horizonte que o amor é o primeiro ato de qualquer estrutura de reconhecimento, é superação da condição natural de ser humano e, ao mesmo tempo, é ato natural de um ser que se dispõe para além de si, tornando-se social e, portanto, fazendo-se humano, como nos expõe Wickert (ibid): *o poder de reconhecimento é a superação do estado natural (Naturzustand) da existência humana. Reconhecer significa aqui legitimar espaços, lugares e colocar-se ao servir do outro.* (p.113).

Porém, como já anunciamos ao iniciar este capítulo, todo esforço teórico de Axel Honneth se coloca na tentativa de retirar essa condição de luta por reconhecimento de um lugar especulativo, ou seja, entende que, em sua investigação sobre o potencial moral inscrito estruturalmente nas relações comunicativas entre sujeitos que decorre então de um processo conflituoso, não pode ser encarada de um ponto de vista idealista, como Hegel o fez ao assumir o conflito como uma autorrealização do espírito guiado pela razão. Nesse sentido,

¹⁹ HONNETH, Axel. *Love and morality: on the moral content of emotional ties in Disrespect: the normative foundations of critical theory.* Cambridge. Polity Press, 2007c.

Honneth (2003) é enfático ao afirmar sua posição, segundo a qual o movimento de reconhecimento deve ser *“mediado pela experiência de luta, como um processo intramundano, realizando-se sob as condições iniciais contingentes da socialização humana”* (p.118).

É a partir dessa afirmação que as contribuições de George Herbert Mead passam a ser valiosas para o programa honnethiano de uma luta por reconhecimento a partir de um ponto de vista materialista. Mead compartilha com Hegel a ideia fundamental do primado da intersubjetividade para o desenvolvimento da autoconsciência, porém fornece esse tipo de apreensão a partir de uma teoria naturalista, baseando na formação da pessoa uma *“explicação da dinâmica de um estágio do desenvolvimento social a outro sem interferências do desdobramento de uma eticidade natural ou de uma inexplicada forçada derivada da filosofia da consciência”* (p.69), conforme nos aponta Crissiuma (ibid). Seguiremos, portanto, na incursão das possibilidades e validades desse ato de reconhecer-se no outro seguindo a perspectiva naturalista apontada por Honneth, para a compreensão da luta por reconhecimento como ponto explicativo da evolução moral da sociedade.

2.2- A natureza dialógica do sujeito em Herbert Mead

“Em nenhuma outra teoria, a ideia de que os sujeitos humanos devem sua identidade à experiência de um reconhecimento intersubjetivo foi desenvolvida de maneira tão consequente”. São com essas palavras que Axel Honneth (ibid, p.125) inicia seu movimento de *inflexão materialista* (p.155) sobre a ideia hegeliana de reconhecimento tomando como fundamento os pressupostos

conceituais da psicologia social de George Herbert Mead. De fato, Honneth é claro ao afirmar que as teorizações realizadas por Mead conservam os mesmos traços essenciais dos escritos de juventude de Hegel, tanto na crítica a uma noção de indivíduo formado tão somente por uma autorrelação prática consigo mesmo quanto na hipótese de que, ao contrário dessa formulação atomística, os sujeitos desenvolveriam sua consciência (individual e social) a partir da relação com seus parceiros de interação, admitindo, portanto, a preexistência da intersubjetividade como campo de forças fundamental para a constituição do si mesmo.

Decorre dessa primeira afirmação o potencial da teoria “meadiana” para as hipóteses de Axel Honneth, pois, se o desenvolvimento da autoconsciência é estritamente dependente de outro indivíduo para se realizar, podemos considerar que nesse movimento também se inscreve uma espécie de luta por reconhecimento, haja vista que se apresenta como condicionada a um duplo movimento entre o ser de si e o ser do outro a confirmação de validade de suas pretensões morais. É dessa condição essencialmente dialógica que se desvela a concepção de que só é possível lançarmos uma interpretação sobre os indivíduos como seres em interação. A própria ideia de psíquico enquanto instância formada no interior dos sujeitos viventes parece ser refutada por Mead (1959) em troca da hipótese segundo a qual o “local” da subjetividade surge e se desenvolve na própria esfera das interações sociais, como nos aponta ao afirmar que *“O processo todo do pensar é uma conversação entre esse outro generalizado e o indivíduo. A perspectiva individual é, assim, aquela do ato social – um ato que inclui o indivíduo, mas se estende para além dele”*²⁰ (p. 152).

²⁰ Tradução minha do original: *The whole process of thinking is the inner conversation going on between this generalized other and the individual. The perspective of the individual is, therefore, that of the social act which is inclusive of the individual but extended beyond it.*

Tratando a questão a partir de uma perspectiva da história da espécie humana, Mead salienta ainda que a inteligência é construída a partir das resoluções de problemas. Somente quando o ser humano se depara com um problema que impede as práticas até então naturalizadas é que ele se vê impelido a formular novas hipóteses e a escolher alternativas para a sua resolução. Desse ponto de vista, depreendemos então duas constatações importantes: a de que todo o processo de conhecimento humano é adquirido através de uma relação com o meio e a hipótese de que existe uma prevalência do meio sobre a formação dos indivíduos, como nos aponta Mead *em Mind, Self and Society* (1970).

*É um absurdo olhar para a mente simplesmente do ponto de vista do organismo humano individual; embora tenha seu foco lá, é essencialmente um fenômeno social; até mesmo as funções biológicas são primariamente sociais. A experiência subjetiva do indivíduo deve ser posta em relação com as naturais, atividades sociobiológicas do cérebro, a fim de tornar finalmente possível um acerto de contas com a mente; e isso só pode ser feito se a natureza social da mente é reconhecida. A magreza da experiência individual em isolamento dos processos de experiência social – em isolamento de seu ambiente social –, deve ser aparente. Devemos considerar mente, então, como surgimento e desenvolvimento dentro do processo social, dentro da matriz empírica das interações sociais.*²¹ (p.133)

Em nosso entendimento, essa breve apresentação sobre as bases da inteligência humana carrega como potencialidades algumas hipóteses mais amplas que se inserem fundamentalmente na discussão que buscamos levantar. A ideia do desenvolvimento da espécie como capacidade de resolução de

²¹ Tradução minha do original: *It is absurd to look at the mind from the standpoint of the individual human organism; for, although it has its focus there, it is essentially a social phenomenon; even its biological functions are primarily social. The subjective experience of the individual must be brought into relation with the natural, sociobiological activities of the brain in order to render an acceptable account of mind possible at all; and this can be done only if the social nature of mind is recognized. The meagreness of individual experience in isolation from its social environment should moreover, be apparent. We must regard mind, then, as arising and developing within the social process, within the empirical matrix of social interactions.*

problemas na sua interação com a natureza é, para nossa discussão, somente o ponto de partida para sustentarmos que a interação entre sujeitos é tão responsável, como a natureza é para a inteligência, pela formação da consciência de si, pois é somente no processo relacional (e por que não dizer problemático?) entre indivíduos que se desenvolve o entendimento de que determinada ação praticada suscita a consciência da própria ação no outro, como nos sugere Honneth (Ibid):

A constituição de uma consciência de si mesmo está ligada ao desenvolvimento da consciência de significados, de sorte que ele lhe prepara de certo modo o caminho no processo da experiência individual: através da capacidade de suscitar em si o significado que a própria ação tem para o outro, abre-se para o sujeito, ao mesmo tempo, a possibilidade de considerar-se a si mesmo como um objeto social das ações de seu parceiro de interação. p.129-130

A ideia de um compartilhamento da consciência de significados como um marco para a consciência de si é essencial para Axel Honneth, pois acena que a evolução moral, tanto individual quanto social, depende invariavelmente de um reconhecimento intersubjetivo, ou seja, na defrontação originária entre dois sujeitos surge sempre um espaço potencial dado pela interação que permite a evolução tanto do saber sobre si quanto do saber sobre a expectativa do outro. Nesse sentido, Mead (2010) é enfático ao afirmar tal processo de interação como fundante do *self*:

Em qualquer processo cooperativo, como a família, o indivíduo evoca uma resposta nos outros membros do grupo. Agora, à medida que estas respostas podem ser evocadas no indivíduo, de modo que ele possa responder a elas, temos ambos conteúdos que entram na constituição do self: o “outro” e o “eu”. Essa distinção se expressa em nossa experiência no que chamamos de o reconhecimento dos outros e o reconhecimento de nós mesmos nos outros. Não

podemos realizar-nos exceto na medida em que pudermos reconhecer o outro em seu relacionamento conosco. É na medida em que adota a atitude do outro que o indivíduo se torna capaz de se realizar como self. p. 212-213

No entanto, a fim de darmos um passo além nessa discussão, devemos considerar um fator fundamental para esse desenvolvimento intersubjetivo visto agora sob a ótica de uma teoria pragmática, pois a ideia de um espaço potencial onde indivíduos se reconhecem só pode ser vista no campo das interações simbólicas como *locus* da comunicação especificamente humana. A luz desse conceito, Mead parte do entendimento dos gestos até as formas de comunicação mais sofisticadas mediadas pela linguagem semântica, entendendo-as como fruto de uma conquista intersubjetiva que abre um campo de significados e ações para o desenvolvimento humano. Dessa perspectiva, o processo de apreensão de si e dos outros seria dado pela capacidade de compreensão e internalização compartilhada dos símbolos de ação dos agentes que se comunicam. Mendonça (2013) corrobora o que estamos tentando clarificar nesse momento ao expor que:

Para Mead “o gesto significante ou símbolo significante [...] provoca no indivíduo que o faz a mesma atitude em relação a ele [...] que a que provoca em outros indivíduos que participam com o primeiro em um dado ato social”. Por terem um sentido compartilhado, gestos significantes estão envoltos em uma relação triádica entre o gesto, a reação de adaptação e a resultante do ato social. p.374

Os apontamentos que elencamos até aqui nos levam, portanto, a uma ideia cara ao pensamento de Herbert Mead, qual seja: a de que o processo de socialização dos indivíduos se estabelece a partir do que o pensador denomina

como *role-taking*, ou seja, está inscrita no desenvolvimento humano mediado pela linguagem a capacidade de assumir em si os papéis sociais como um movimento de “*subjetivação de estruturas objetivas de sentido, transladadas ao interior através de um mecanismo por ele denominado como taking the attitude of the other*” (Haddad. 2003, p.96). Isso representa, em nosso ponto de vista, a capacidade dos indivíduos de assumir tanto o ponto de vista de um parceiro de interação quanto a possibilidade de interiorizar estruturas mais gerais, como salienta Mead (1970) “*A organização das reações sociais possibilita ao indivíduo provocar em si não simplesmente uma mera reação do outro, mas uma reação, por assim dizer, da comunidade como um todo.*”²² (p.267).

Dessa inferência é cabível sugerirmos que Mead vislumbra uma ideia de conduta ética na qual a sociedade deve evoluir a partir da capacidade moral dos sujeitos se colocarem perante a atitude do outro para o reconhecimento do que seria aceitável no plano do bem comum. Hans Joas (1997), um dos grandes estudiosos da obra de Herbert Mead, aponta nessa mesma direção ao afirmar que a “*universalidade ética, de acordo com Mead, é possível somente através da universalidade da capacidade humana de assumir papéis*”²³. (p.135).

Deste ponto de vista podemos, portanto, estabelecer um vínculo com as pretensões de Axel Honneth, pois, na medida em que os sujeitos interiorizam experiências e papéis sociais, orientam-se pela expectativa de que os outros parceiros de interação, sejam eles singulares ou abstratos, como nas estruturas da comunidade ou do direito, conservem o momento do reconhecimento originário e intersubjetivo. Essa premissa reafirma justamente o ideário de uma luta por

²² Tradução minha do original: *The organization of the social responses makes it possible for the individual to call out in himself not simply a single response, so to speak, of the community as a whole*

²³ Original: *Ethical universality, according to Mead, is possible only through the universality of the human capacity of role taking.*

reconhecimento, nos moldes dos escritos hegelianos, a qual engendraria uma conduta ética entre sujeitos, porém agora descarregados de suas afirmações idealistas.

Contudo, devemos ressaltar, neste ponto da discussão, que o encontro entre Herbert Mead e a Teoria Crítica não é uma novidade, Jürgen Habermas, assumindo o movimento de crítica a noção de identidade vista nos moldes de uma filosofia da consciência, abre caminho para um diálogo profícuo com a filosofia da linguagem e com o behaviorismo social de Mead, em *O pensamento pós-metafísico* (1990). Habermas é claro ao afirmar que a *passagem da filosofia da consciência para a filosofia da linguagem traz vantagens objetivas e metódicas* (p.53).

Além disso, o autor expõe que uma nova compreensão da linguagem, cunhada transcendentemente, obtém relevância paradigmática graças as ditas vantagens metódicas ante a uma filosofia do sujeito, *cujo acesso as realidades da consciência é inevitavelmente introspectivo* (p.55). Dessa necessidade, temos que um dos pontos centrais da adoção de Mead realizada por Habermas possui como fundamento a perspectiva do potencial de uma ação racional que se coloca desde o início em uma abordagem intersubjetiva, pois, se o processo de socialização para Mead é em larga medida permeado por mecanismos linguísticos, capazes então de desenvolver a autoconsciência, a possibilidade de assumir papéis e a interiorização da expectativa de uma ação, isso revelaria um potencial comunicacional aos indivíduos para além de uma razão sistêmica. Nesse sentido, Habermas (1987) expõe:

George Herbert Mead havia elevado a interação

simbolicamente mediada a um novo paradigma da razão, havia reduzido a razão àquela relação comunicativa entre sujeitos que repousa no ato mimético da tomada de papéis, isso significa que o ego faz suas as expectativas de comportamento que o outro deposita em si. É algo parecido com a ideia de reconciliação possibilitada por uma intersubjetividade sem violência, é o que produz também o conceito complementar de liberdade. (p.498)²⁴

Neste ponto devemos ressaltar que de modo algum este trabalho visa a uma discussão aprofundada entre Mead e a teoria habermasiana. Contudo, nossa breve incursão nessa temática revela quão essencial ela é a nossa proposição e, dessa perspectiva, Jürgen Habermas nos proporciona um diálogo privilegiado ao salientar as potencialidades desse encontro com o pragmatismo. Igualmente, Axel Honneth não perde de vista as contribuições realizadas por seu orientador e, nesse sentido, assume as proposições de Herbert Mead como fundamentais para a compreensão de uma relação fundamental entre sujeito (autoconsciência) e a dimensão de um sistema linguístico intersubjetivo, como o próprio Mead (Ibid) nos expõe ao afirmar que:

Em tal experiência ou comportamento que pode ser chamado autoconsciente, nós agimos e reagimos particularmente com referência a nós mesmos, embora também com referência a outros indivíduos; e ser autoconsciente é essencialmente tornar-se um objeto para si mesmo em virtude de suas relações sociais com outros indivíduos (p.172)

Além disso, a teoria de Mead, ao demonstrar que a própria socialização é responsável por incutir normas de ação nos indivíduos, suscita ao ideário

²⁴ Tradução minha da versão em espanhol de HABERMAS, Jürgen. Teoría de la acción comunicativa I: Racionalidad de la acción y racionalización social. Tradução de Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Taurus, 1987 - *Ya George Herbert Mead había elevado la interacción simbólicamente mediada a nuevo paradigma de la razón, había reducido la razón a aquella relación comunicativa entre sujetos que descansa en el acto mimético de asunción de rol, es decir, en que ego hace suyas las expectativas de comportamiento que alter pone en él. Y algo parecido a lo que acaece con la idea de reconciliación, que viene posibilitada por una intersubjetividad sin violencia, es lo que también acaece con el concepto complementario de libertad.*

honnethiano o rompimento com a ideia de individuação como autorreflexão bem como a possibilidade de se visualizar na luta por reconhecimento um ato intuitivo de desejo para a validade das pretensões morais. É bem verdade, como salienta Axel Honneth (Ibid), que a teoria de Mead não contempla um substituto adequado para o termo amor, tal qual exposto nos escritos de Hegel. Porém, a partir do que foi discorrido até aqui, podemos aceitar como razoável a hipótese segundo a qual, no processo do desenvolvimento intersubjetivo decorrente das interações simbólicas, está assentada uma espécie de experiência afetiva capaz de impulsionar a assunção de papéis.

De outro modo, não poderíamos entender o processo de reconhecimento desprovido de um conteúdo afetivo, haja vista que o próprio Mead (ibid, p.117) é claro ao afirmar que, no decorrer do processo de desenvolvimento infantil, o primeiro ato de *role taking* assumido pela criança surge como expressão moral de seus cuidadores. Dessa perspectiva, a ideia de individuação não pode ser formada tão somente por um controle do meio sobre o sujeito em desenvolvimento, pois esse próprio sujeito elenca quais são os papéis emocionalmente mais relevantes a serem interiorizados. É claro, porém, que, na medida em que o *taking role* evolui na perspectiva do *outro generalizado*, a afetividade parece se tornar cada vez mais restrita à esfera íntima. Por ora, se nossa discussão sobre a natureza dialógica em Herbert Mead foi minimamente esclarecedora, isso nos possibilitará o retorno da discussão entre intersubjetividade e afetividade partindo de uma perspectiva psicanalítica.

2.3 – Reificação como esquecimento do reconhecimento

Discutimos até o momento as bases afetivas que sustentam a teoria do reconhecimento empreendida por Axel Honneth. Nesse sentido, apresentamos algumas ideias hegelianas sobre a importância da afetividade no desenvolvimento do reconhecimento intersubjetivo e, mais, seguindo ainda as proposições honnethianas, pusemo-nos frente à tentativa de clarificar a ideia naturalista da intersubjetividade de acordo com a psicologia social de Herbert Mead. Contudo, como já expusemos no início deste capítulo, ainda nos soa relevante tratar de um tema que, do nosso ponto de vista, é essencial para a compreensão da afetividade nos termos de uma teoria crítica que possui como base uma luta por reconhecimento e, dessa perspectiva, portanto, emerge nosso interesse por uma discussão acerca da reificação.

Antes porém da discussão propriamente dita sobre tal categoria, devemos ressaltar que um dos fundamentos da Teoria Crítica de Axel Honneth diz respeito as possibilidades de autorrealização do indivíduo e do desenvolvimento de uma boa vida, que seria alcançada justamente pelo reconhecimento de suas pretensões morais. Nesse sentido, a dita autorrealização deve se desenvolver nas esferas de reconhecimento propostas pelo autor, ou seja, um indivíduo “pleno” seria aquele que interiorizou as potencialidades do amor, que é reconhecido em seus direitos e que possui estima no âmbito da comunidade. Dessa forma, tudo o que contraria essa lógica é compreendido como um desrespeito *sui generis*, pois decorre justamente do não reconhecimento do outro, capaz então de gerar consequências desastrosas, como nos aponta Honneth (Ibid):

...é típico dos três grupos de experiências de desrespeito o fato de suas consequências individuais serem sempre descritas com metáforas que remetem a estados de abatimento do corpo humano: nos estudos psicológicos que

investigam as sequelas pessoais da experiência de tortura e violação, é frequente falar de “morte psíquica”; nesse meio-tempo, no campo de pesquisa que se ocupa, no caso da escravidão, com a elaboração coletiva da privação de direitos e da exclusão social, ganhou cidadania o conceito de “morte social”; e, em relação ao tipo de desrespeito que se encontra na degradação cultural de uma forma de vida, é a categoria de “vexação” que recebe um emprego preferencial. (p.218)

Formas de desrespeito e injustiça nos moldes elencados por Axel Honneth como frustrações do reconhecimento são, por decorrência lógica, desfigurações da empatia e da afetividade que assegurariam a experiência intersubjetiva de maneira afirmativa e, nesse sentido, podem ser denominadas como patologias que freiam a evolução moral da sociedade. À vista disso, é seguro afirmarmos que, durante todo o percurso da Teoria Crítica, seus pressupostos fundamentais são colocados justamente perante a tarefa de compreensão e mudança das estruturas que impedem a realização e a liberdade dos indivíduos, assim:

...mais além da disparidade de métodos e objetos, o que une os diversos autores da Escola de Frankfurt é a ideia de que as condições de vida das sociedades modernas capitalistas geram práticas sociais, posturas ou estruturas de personalidade que refletem uma deformação patológica de nossas faculdades racionais. Este tema é o que conforma a unidade da Teoria Crítica na pluralidade de suas vozes.²⁵ (Honneth, 2009, p.7)

Deve se tornar claro, portanto, que uma discussão sobre a reificação se coloca como fundamental na medida em que se vincula historicamente com o

²⁵ Tradução da versão em espanhol de HONNETH, Axel. *Patologías de la razón: historia y actualidad de la teoría crítica*. Madrid: Katz, 2009 citação original - *más allá de la disparidad de métodos y objetos, lo que une a los diversos autores de la Escuela de Frankfurt es la idea de que las condiciones de vida de las sociedades modernas, capitalistas, generan prácticas sociales, posturas o estructuras de personalidad que se reflejan en una deformación patológica de nuestras facultades racionales. Es este tema el que conforma la unidad de la Teoría Crítica en la pluralidad de sus voces*

conceito de patologia social que elencamos e, mais, por ser tradicionalmente entendida como uma atitude de neutralidade e ação descarregada de afeição. Essa categoria, reafirmamos, torna-se relevante aos nossos objetivos. De fato, Axel Honneth encara a possibilidade de uma retomada dessa categoria em sua obra intitulada *Reificación um estudio en la teoría del reconocimiento*²⁶, na qual visa fundamentalmente compreender como:

Na reificação é anulado aquele reconhecimento elementar que geralmente faz com que nós experimentemos cada pessoa existencialmente como o outro de nós mesmos; queiramos ou não, nós concedemos a ele pré-pedicativamente uma auto-relação que partilha com a nossa própria a característica de estar voltada emocionalmente para a realização dos objetivos pessoais. Se este reconhecimento prévio não se realizar, se não tomamos mais parte existencialmente no outro, então nós o tratamos repentinamente apenas como um objeto inanimado, uma simples coisa; e o maior desafio para a tentativa de reabilitar a categoria da reificação consiste na dificuldade de explicar a condição de possibilidade desta supressão do reconhecimento elementar. (Honneth, 2008 p.75)

Porém, em um sentido mais amplo, Honneth se coloca inicialmente na tarefa de refletir sobre tal categoria na obra *História e Consciência de Classe*²⁷, apontando os possíveis equívocos e acertos do autor, para posteriormente reconstruir o conceito de reificação através de uma Teoria Crítica cujo foco normativo é o reconhecimento. Como nos sugere Camargo e Souza (2012):

Sua proposta é a de uma recuperação da importância do conceito de reificação, mas agora, de modo absolutamente original, a partir do seu modelo epistêmico, reconceituando

²⁶ Para este estudo nos baseamos na edição em espanhol da obra, editada pela argentina KATZ editores.

²⁷ LUKÁCS, Gyorgy. *História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista*; tradução Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003

reificação em moldes totalmente novos, não necessariamente em decorrência de eventos históricos, embora não os desconsiderando, mas quanto ao que seria seu próprio sentido ontológico original. Daí decorrem basicamente duas indagações: primeiro, em que medida ele consegue justificar e fundamentar sua tese, e, segundo, em que medida ela é capaz de contribuir para a compreensão da sociedade contemporânea. (p.167).

Honneth (2007a) nos afirma que a validade da retomada da reificação ao escopo da teoria sociológica se dá pela grande variedade de temas nos últimos tempos que denotam e apontam uma maneira “coisificada” de agir e de pensar frente ao mundo, fato exemplificado tanto em âmbito cultural, como na literatura, quanto nas neurociências que buscam compreender a totalidade do ser humano apartando-o da sua vivência em sociedade. Desse modo, o que o autor deixa clara através dessas evidências é a compreensão de que o conceito de reificação não diz respeito somente a uma quebra de práticas morais de boa conduta, mas sim a uma condição mais fundamental que atenta contra a própria base intersubjetiva dos indivíduos, salientando dessa perspectiva que:

Com certeza, poderíamos simplesmente dizer que, por razões morais, não se pode tratar pessoas como coisas, mas isto parece não fazer realmente ao peso sócio-ontológico do conceito de “reificação”: alguém que reifica pessoas não atenta apenas contra uma norma, mas comete um erro mais fundamental, porque ele atenta contra as condições elementares que estão na própria base de nosso discurso sobre a moral. Se quisermos nos ater ao significado literal, deveremos, portanto, entender por “reificação”, no sentido negativo, um atentado contra pressupostos necessários de nosso mundo socialmente vivido; nesse ponto surge a intimação conceitual para fixar as condições sob as quais um relacionamento entre sujeitos humanos pode valer como adequado sócio-ontologicamente. (Honneth, 2008, p. 70-71).

Desse modo, a apreciação que nosso autor tende a dirigir sobre a reificação suscita a compreensão de que esta se liga diretamente a uma forma distorcida de práxis humana. A reificação, como sendo um fenômeno totalizante na sociedade, é uma forma de vida falsa que não seria condizente com a verdadeira “essência” do ser humano. Como consequência dessa tese, Honneth (2007a) aponta para a ideia central que percorre a obra de Lukács:

Lukács chega finalmente à tese central de seu estudo, segundo o qual, no capitalismo, a reificação tem se transformado na segunda natureza do homem: a todos os sujeitos que participam do modo de vida capitalista volta-se forçosamente um hábito de perceber-se a si mesmo e o mundo ao redor segundo o esquema dos objetos com mero caráter de coisas²⁸ (p.27)

No entanto, as percepções levantadas por Axel Honneth acerca das formulações de Gyorgy Lukács tratam de demonstrar dois possíveis enganos sobre a forma oficial do pensamento acerca da reificação. Por um lado, o argumento sobre a expansão de tal fenômeno até o ponto de alcance de uma “segunda natureza” não possui uma justificação suficiente, segundo Honneth, quando pensada sobre o modelo funcionalista da esfera econômica ou pelo modelo weberiano, segundo o qual o processo de racionalização moderna conduziu a uma atitude burocrática e neutra do ser humano. Assim, quando, no caráter normativo de sua teoria, Lukács visa, a maneira do idealismo alemão, constituir um tipo de práxis calcado no conceito filosófico de atividade, no qual sujeito e objeto se identificariam (Honneth *ibid*), este acaba engessando sua

²⁸ Tradução minha do original: *Lukács llega finalmente a la tesis central de su estudio, según la cual en el capitalismo la reificación se ha transformado en la “segunda naturaleza” del hombre: a todos los sujetos que participan del modo de vida capitalista se les vuelve forzosamente un hábito el percibirse a sí mismos y el mundo circundante según el esquema de los objetos con mero carácter de cosa.*

própria crítica.

*O questionável na forma de proceder de Lukács não é somente sua estratégia “oficial” de usar como ponto de referência de sua crítica da reificação um conceito de práxis que, na modalidade idealista, apresenta todos os objetos surgindo da atividade subjetiva da espécie. Igualmente problemática em seu proceder é a tese teórico-social de que somente a extensão da troca de mercadorias é a causa de uma modificação de conduta, que progressivamente penetra em todas as esferas da vida da sociedade moderna.*²⁹(p.35)

A questão para Axel Honneth segue então na afirmação de que não é central e nem oficial a tentativa de Lukács de demonstrar sistematicamente a reflexão segundo a qual o homem apresentaria uma postura de implicação existencial frente ao mundo e aos outros seres humanos por uma condição natural. Na verdade, a percepção tradicional é que, em *História e Consciência de classe*, essa ideia repousa centralmente como uma implicação de classe social. Assim diz Lukács (2003):

A tese da qual partimos, de que na sociedade capitalista o ser social é – imediatamente – o mesmo para a burguesia e para o proletariado, permanece inalterada. Porém, pode-se acrescentar que, por meio do motor dos interesses de classes, esse mesmo ser mantém presa a burguesia nesse imediatismo, enquanto impele o proletariado para além dele. Pois, no ser social do proletariado, revela-se imperiosamente o caráter mediado de cada fator, que obtém sua verdade, sua autêntica objetividade somente na totalidade mediada. Para o proletariado, tomar consciência da essência dialética da sua existência é uma questão de vida ou morte... (p.334)

Marcadamente nos parece claro que Lukács buscou compreender a reificação tomando como fundamento essencial à dinâmica expansionista da

²⁹ Tradução minha do original: *Lo cuestionable en la forma de proceder de Lukács es no solo su estrategia “oficial” de usar como punto de referencia de su crítica de la reificación un concepto de práxis que, em modalidade idealista, presenta todos los objetivos surgiendo de la actividad subjetiva de la especie. Igualmente problemático em su proceder es la tesis teórico- social de que sólo la extensión del intercambio de mercancías es la causa de una modificación de la conducta, que progresivamente penetra en todas las esferas de la vida de la sociedade moderna.*

economia de mercado como um fenômeno social que atinge, no limite, o mais profundo sentimento de classe. No entanto, Axel Honneth apresenta um caminho no qual a reificação passa a possuir um conteúdo psicológico que implicaria, em última instância, o próprio ato originário do reconhecer-se no outro.

É partindo dessa perspectiva, portanto, que nosso autor passa a expandir a categoria reificação como uma atitude não investida de sentimento, em que a interação estaria comprometida pela neutralidade dos indivíduos envolvidos, engendrando por fim um déficit de reconhecimento. Dessa necessidade, a questão finalmente posta por Honneth (Ibid) recai sobre a reflexão de como é possível pensar a pertinência da reificação e como se dá sua expansão na vida dos seres humanos, assumindo que tal categoria é uma distorção da práxis humana intersubjetiva, como sugere ao afirmar que:

... em minha opinião a comprovação ontogenética pode contribuir como um primeiro sustento para a plausibilidade da tese geral, pois bem parece que a criança somente vislumbra a abundância de significados existenciais que os dados situacionais podem ter para os homens a partir da perspectiva da pessoa amada³⁰. (p.70)

A partir desse ponto é que se delineia a aproximação realizada por Axel Honneth com o existencialismo de Martin Heidegger, assim como com os estudos pressupostos pela psicologia evolutiva e a psicanálise desenvolvida por Donald Winnicott³¹. A hipótese de uma implicação existencial do ser humano entendida como pressuposto normativo que subjaz à obra *História e Consciência de Classe*,

³⁰ Tradução minha do original: *en mi opinión la comprobación ontogenética puede aportar un primer sustento para la plausibilidad de la tesis general, pues parece ser que el niño solo vislumbra la abundancia de significados existenciales que los datos situacionales pueden tener para los hombres a partir de la perspectiva de la persona amada.*

³¹ O encontro entre Winnicott e Axel Honneth será trabalhado no terceiro capítulo desta dissertação.

segundo Honneth (*Ibid*), possui uma íntima ligação, não obstante as suas distintas posturas, com os conceitos expostos na obra *o Ser e o Tempo*, de Martin Heidegger.

De acordo com nosso autor, ambos parecem confluir na ideia de um ser humano que possui como critério mais básico a preexistência de um reconhecimento intersubjetivo ante ao conhecimento objetivado do mundo, como nos expõe ao afirmar que *“Lukacs e Heidegger pontuam que a ideia de uma atitude intersubjetiva está sujeita previamente a um momento de apoio positivo, de inclinação existencial que não se manifestam suficientemente na atribuição de motivação racional”*³² (p.50). Seguindo ainda a mesma perspectiva de clarificação desse encontro entre Lukács e Heidegger, Camargo (2013) expõe:

...na medida em que em sua vida cotidiana os indivíduos em sua relação com a natureza, com os outros e com seu próprio “Eu” ingressam em um sistema de relações coisificadas que adquire vida própria, tornando possível a existência de uma falsa consciência, ou, de uma segunda natureza. Nesse sentido, seria possível percebermos em Lukács a noção de práxis engajada, uma espécie de engajamento existencial que nos remeteria para a possibilidade de pensar os limites da reificação em um sentido não muito distante daquilo que Heidegger chamou de cuidado [Sorge]. (p.14)

De maneira extremamente básica, Sorge viria a designar o comprometimento existencial que todos os seres humanos possuem frente ao outro, uma postura intersubjetiva comprometida, oposta então à posição racionalista e dicotômica entre sujeito – objeto. Assim para Heidegger, assim

³² Tradução minha do original: *Lukács y Heidegger apuntan a la idea de que tal actitud intersubjetiva está sujeta previamente a um momento de apoyo positivo, de inclinación existencial, que no se manifiesta suficientemente en la atribución de la motivación racional.*

como nos parece para Honneth, na sua investigação sobre o caráter de uma práxis original, a conceituação de uma preocupação primária intersubjetiva surge como posição ontológica de todo ser no mundo, tal qual nos apresenta Dubois (2004).

Heidegger caracteriza o cuidado como ser na antecendência de si (momento da existência como projeto, ser para um poder-ser), já num mundo (momento da facticidade), junto ao ente intramundano. O cuidado é, portanto o ser do Dasein, e funciona a este título como puro a priori. Ele é, assim, a condição de possibilidade, a abertura necessária, o espaço de jogo para fenômenos como o querer, o desejar, a propensão, a inclinação. (p. 43)

Com a análise realizada até aqui, podemos depreender que uma teoria sobre a reificação cuja centralidade repousa na premissa do esquecimento do reconhecimento leva Axel Honneth a uma posição completamente distinta sobre a etiologia das formas reificadas de vida. Já Lukács assume tal categoria como *“autoelucidação de um processo histórico de dominação capitalista cujos contornos, até o presente, não cessaram de se ampliar”* (Camargo, 2013).

Para Honneth (Ibid), por outro lado, a reificação é assumida como uma espécie de patologia social de perda da consciência do reconhecimento ou da negação desse reconhecimento visto positivamente como o momento da experiência de um engajamento intersubjetivo.

De fato, em sua obra, Honneth não deixa expostas de maneira evidente as causas sociológicas para um comportamento reificado, porém é claro ao afirmar que seu primeiro interesse pelo tema da reificação surgiu da reflexão sobre *a dificuldade de uma explicação para o genocídio “industrializado”*. Até hoje *é difícil compreender os relatos nos quais é mostrado como jovens homens,*

aparentemente sem nenhuma comoção, matavam centenas de crianças e mulheres judias com um tiro na nuca. (2008, p.78).

Portanto, por esse ângulo, podemos concluir que uma discussão sobre a reificação enseja a reflexão sobre o momento afetivo que, segundo Honneth, nos possibilita a experiência intersubjetiva fundamental para o ato de reconhecer e ser reconhecido. Nesse sentido, essa afirmação vai diretamente ao encontro daquilo que buscamos investigar durante este capítulo, pois as hipóteses centrais que nortearam nossas motivações recaem justamente sobre a validade ou não de se compreender a afetividade em seu sentido amplo como experiência fundamental para a luta por reconhecimento. Por fim, essa tentativa seguirá no terceiro capítulo desta dissertação, no qual trataremos das aproximações entre a teoria de Honneth e as fundamentações da psicanálise.

Capítulo 3 - Reconhecimento e Psicanálise: A primazia relacional na construção do eu

Neste terceiro capítulo, pretendemos apresentar como a estrutura elementar do reconhecimento baseada no amor pode ser compreendida a partir de uma discussão com a teoria psicanalítica. Desse modo, em nosso entendimento o que fundamenta tal investigação se apresenta a partir de uma pergunta que se desvela da seguinte maneira: *de que modo e por quais razões a psicanálise se torna relevante para uma teoria do reconhecimento que se esforça em cumprir as exigências de um “modelo pós-metafísico de eticidade”⁸³?*

De fato, o que estamos buscando assinalar com essa questão visa uma problemática essencial apresentada por Axel Honneth, qual seja o de buscar uma estrutura intersubjetiva nos escritos hegelianos do período de Jena para assim dar a luta por reconhecimento o que o autor denomina como “inflexão empírica”.

É precisamente a partir de tal conceito que julgamos fundamental a incorporação realizada pela Teoria Crítica de Axel Honneth a um tipo de modelo psicanalítico. Afinal ao buscar na luta por reconhecimento um fundamento que de conta dos processos intersubjetivos do ponto de vista materialista, torna-se claro e essencial à necessidade do autor em dialogar com a ciência que se edifica tendo como objeto primordial os processos relacionais formadores das subjetividades, personalidades e sintomas.

⁸³HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais (Trad. Luiz Repa). São Paulo: Ed. 34, 2003.

3.1 Aspectos históricos de uma relação entre Psicanálise e Teoria Crítica.

Como já afirmamos brevemente em outro momento deste texto as ligações entre a Teoria Crítica da sociedade e a psicanálise não são recentes e datam desde primeiras décadas do século vinte.

De fato, historicamente o próprio Instituto Psicanalítico de Frankfurt foi estabelecido como instituto convidado do Instituto de Pesquisa Social em 1929, ambos dividiam o mesmo prédio e as mesmas salas de aula na Universidade de Frankfurt o que gerou certamente seus primeiros laços teóricos, além disso, o próprio Freud, como nos sinaliza Whitebook (1995) trocou cartas com Max Horkheimer com o intuito de agradecê-lo pela assistência prestada a psicanálise em seus esforços para leva-la ao meio acadêmico.

No entanto, para além deste encontro formal entre os institutos e a acolhida de Max Horkheimer para com a psicanálise que a época ainda era marginalizada pela maioria da elite intelectual alemã³⁴, a história nos mostra que a aproximação com a psicanálise pelos teóricos de Frankfurt seguia um elo muito mais profundo.

Como o trabalho referencial de Martin Jay³⁵ nos ilustra, a ligação inicial entre psicanálise e teoria crítica trazia em si tanto a tentativa de corrigir a deficiência fundamental da dimensão psicológica nas teorias marxistas, as quais nutriam certo desprezo pela subjetividade e seu possível papel na missão histórica do proletariado, quanto a possibilidade explicativa da defasagem entre

³⁴ Ver: DUNKER, C. T. L. - Aspectos Históricos da Psicanálise Pós-Freudiana In: História da Psicologia - Rumos e Percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2006, v.1, p. 387-412.

³⁵ JAY, Martin. A imaginação dialética. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

a consciência política e as condições objetivas que na Alemanha desse período, como também nos aponta Rouanet (2001), apresentava uma conjuntura ideal para a maturação do processo político revolucionário.

Nesse sentido, nos parece coerente afirmar que o interesse crescente dos membros do instituto de pesquisa social pela obra freudiana foi em grande medida fomentado por uma espécie de pessimismo que assombrava todos aqueles que em algum momento nutriram esperanças quanto ao processo revolucionário, pois como se poderia explicar de outro modo o conservadorismo de grande parte da classe operária que não obstante as circunstâncias objetivas, cada vez mais cedia apoio as medidas autoritárias surgidas em meio as crises da república de Weimar³⁶?

É diante desse questionamento fundamental que cada vez mais apontava tanto para a irracionalidade da classe operária tomada pela força da ideologia conservadora na Alemanha quanto para a incredulidade diante do totalitarismo stalinista na União Soviética que, aliás, combatia a psicanálise por entendê-la como uma ciência burguesa, que a crítica deveria ser retomada levando em consideração aquilo que fugia a ordem de uma explicação racional e que, portanto deveria trazer a explicação do profundo, inconsciente.

Assim, os primeiros passos dessa relação foram aplicados à tentativa de dissolver um questionamento crucial sobre o poder da ideologia na consciência e seus mecanismos de ação, nesse ponto os estudos do Instituto de Pesquisa Social sobre a autoridade, família, indivíduo e cultura demonstraram-se relevantes como nos expõe Nobre (2013), pois:

³⁶ Sobre a crise da república de Weimar é interessante o capítulo 4 da tese de livre docência de Gilberto Bercovici: Entre o Estado Total e o Estado Social: Atualidade do Debate sobre Direito, Estado e Economia na República de Weimar, Ano de obtenção: 2003.

... a importância decisiva dos Estudos reside no fato de a obra servir como fonte de um conjunto relevante de categorias da psicologia social para a elaboração da ideia de antropologia da época burguesa: as contribuições de Erich Fromm, especialmente suas teses psicanalíticas sobre o caráter masoquista ou autoritário como tipo dominante na Europa contemporânea, permitirão a Horkheimer uma melhor compreensão do desenvolvimento histórico de seus conceitos centrais desta primeira Teoria Crítica. (p.161).

Desse ponto de vista, a relação entre a teoria social e a Psicanálise que tentamos elucidar parece não se manter tão somente como um recurso, mais que isso, a ciência do inconsciente assumida pelos teóricos dirigentes do Instituto de pesquisa social de Frankfurt se fez como constitutiva da própria ideia de Teoria Crítica, dito de outro modo, o freudismo para os frankfurtianos é intrinsecamente parte do corpo teórico para a compreensão da realidade.

John Abromeit em seu livro intitulado: *Max Horkheimer e as fundações da escola de Frankfurt (2011)* aponta para a mesma direção quando relata que a proposta de Max Horkheimer traz fundamentalmente a integração com a psicanálise como sendo esta uma teoria materialista da subjetividade capaz de atualizar, por meio de seus insights, a teoria da história de Marx.

De fato, a afirmação exposta acima é reveladora na medida em que destaca tanto a força da psicanálise para a teoria crítica nascente quanto uma crítica à própria psicanálise enquanto teoria tradicional, desse modo, o que se poderia denominar como a “boa psicanálise” para os teóricos críticos não dizia respeito a aceitação de conceitos universalmente válidos como, por exemplo, a ideia de “inconsciente coletivo”³⁷ nem tampouco a compreensão da

³⁷ Para deixar a crítica exposta segue a citação de Jung acerca do inconsciente coletivo: “Eu optei pelo termo “coletivo” pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são 'cum grano salis' os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo.” (p.15) in. Os arquétipos e o inconsciente coletivo / CG. Jung ; [tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. - Perrópolis, RJ : Vozes, 2000.

psicanálise como sendo preponderantemente uma ciência que edifica seu corpus teórico e prático à margem das condicionantes históricas e sociais.

Em oposição, a psicanálise deveria estar disposta a compreender as ações psíquicas dos indivíduos e dos grupos sociais em seu contexto, isso significa que ela deve apontar o momento em que as estruturas psicológicas revelam e se entrelaçam com aquilo que é da ordem do social.

3.2 Erich Fromm: Psicanálise e análise da sociedade do ponto de vista interacionista.

É inegável, levando em consideração o que apresentamos acima, a importância de Erich Fromm para tal apreensão da ciência do inconsciente como crítica da ideologia e, nesse sentido, seu papel fundamental de introdução desse modelo psicanalítico aos intelectuais de Frankfurt.

A ideia fundamental de Fromm, como veremos, consistia em assumir que o aparelho pulsional não se resumiria a uma estrutura biológica fechada as condicionantes de uma natureza “externa”, ao contrário, tal ideia de aparelho psíquico resultaria de uma espécie de encontro entre o fundamento biológico das pulsões e as estruturas sociais.

Nesse sentido, a personalidade individual seria o substrato de um jogo entre a força biológica e a sociedade encarnada mais diretamente pela família. De fato, Fromm em “O método e a função da psicologia social analítica” (1971) ³⁸ ressalta que os fenômenos a serem compreendidos por uma psicologia social envolvem uma interação ativa e passiva de adaptação entre o

³⁸ FROMM, E. Método e função de uma psicologia social analítica. In: FROMM, E. Crise da psicanálise: ensaios sobre Freud, Marx e Psicologia Social. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1971.

que se estabelece como instinto e o que se forma na situação socioeconômica. É importante notarmos que como resultante desse cruzamento entre instintual e social decorrem-se os produtos dos desejos e das excitações.

Devemos entender como relevante o apontamento de que com essa construção teórica Fromm assume a tentativa de uma compreensão fundamental entre indivíduo e sociedade sem, no entanto, subsumir um ao outro, pois de um lado o aparelho psíquico é entendido como reservatório de energia psíquica, onde o indivíduo é visto como um ser movido por pulsões enquanto por outro lado, a própria realidade social é vista enquanto instância ideológica onde se desdobra a formação de compromisso entre desejo e realidade.

No entanto, tão relevante quanto à própria descrição desse modelo de funcionamento psíquico que se entrecruza com o plano dos fenômenos sociais é a constatação posterior que revela o funcionamento da ideologia por meio dessa mesma interação indivíduo/sociedade. Nesse sentido, Fromm (idem) sugere justamente que o papel da psicanálise em uma interpretação da sociedade é mostrar o caminho pelo qual a ideologia se imbrica a um tipo de necessidade individual, ou seja, a afirmação de que o impacto de uma ideia dependeria essencialmente de um conteúdo inconsciente estruturado pelas pulsões.

Desse ponto de vista, o conteúdo ideológico seria um produto dos desejos, interesses e necessidades inconscientes que se manifestam objetivamente nos indivíduos sob um tipo de racionalização, mecanismo de defesa psíquico que visa expulsar da mente a consciência de uma dada situação e em seu lugar sobrepô-la a uma explicação racional. É um tipo de mecanismo que defende o self de verdades inconvenientes, outrossim, o

recalque a regressão e a sublimação podem ser compreendidos nessa esfera relacional, metabólica, entre libido e sociedade.

O que deve ser entendido como fundamental ao escopo de nosso trabalho diz respeito, portanto, a afirmação de que as ideias de Erich Fromm dos anos de 1930 traziam a tona um esforço em conjugar de maneira interacional o indivíduo psicanalítico e o indivíduo sociológico por meio de uma relação entre estrutura pulsional e a estrutura socioeconômica de uma sociedade, relação essa que como veremos na sequência desse texto parece cada vez mais se tencionar em seus contornos metapsicológicos.

É válido ressaltar ainda que as formulações apresentadas são reveladoras de uma interessante afinidade teórica com Max Horkheimer no que diz respeito a rejeição de afirmações gerais e abstratas sobre a natureza humana. Nos anos finais de 1920 Horkheimer passa a se afastar cada vez mais das concepções oriundas de uma filosofia da consciência o que marca também seu rompimento teórico com o neo-kantiano Hans Cornelius³⁹, orientador em sua tese de doutoramento e livre docência na Universidade de Frankfurt.

Esse afastamento que em grande medida passa pela crescente postura crítica diante dos sistemas metafísicos situa Horkheimer na posição de uma interpretação da realidade social que se encaixa substancialmente a base da psicologia social de Fromm onde o indivíduo se efetiva concretamente dentro de um contexto sócio-histórico determinado.

³⁹ Sobre o rompimento de Max Horkheimer com Hans Cornelius ver: Stirk, P. (1992). Max Horkheimer: a new Interpretation. Hemel Hempstead/Lanham: Harvester Wheatsheaf/Barnes & Noble Books.

Em “História e psicologia” de 1932, por exemplo, Horkheimer (2011) justifica o interesse da psicologia como ciência da relação entre indivíduo e sociedade para seu programa de pesquisas ao afirmar o seguinte:

Na raiz deste momento histórico particularmente importante não estão apenas manipulações ideológicas, mas sim, a estrutura psíquica total destes grupos, isto é, o caráter de seus membros se renova constantemente em relação com o seu papel no processo econômico (p.21)

Nesse momento torna-se válido ressaltar que a interdisciplinaridade com a psicanálise para a explicação do funcionamento da sociedade e mais, como horizonte de uma possível emancipação de uma ordem “perversa” de organização social vai além de uma relação fechada entre Erich Fromm e Max Horkheimer; distintos teóricos desde os chamados freudo-marxistas até os primeiros escritos de Adorno, Marcuse e Wilhelm Reich aquiescem à psicanálise como teoria privilegiada para a compreensão da dominação social.

De fato, esse processo colaborativo que possibilita a ciência do inconsciente compor ao lado de outras disciplinas especializadas um diagnóstico do tempo é propriamente uma proposta fundamental da ideia de Teoria Crítica conforme nos aponta Nobre (2008).

É por isso que, desde os anos 1930, a Teoria Crítica se propõe explicitamente a produzir conhecimento em um processo de colaboração entre as disciplinas. Uma das marcas mais importantes do campo crítico é a sua proposta de trabalho interdisciplinar. (p.19)

Nesse sentido, o quadro conceitual psicanalítico é apreendido por todos esses expoentes da Teoria Crítica como parte constitutiva de seu próprio modelo teórico ocupando seus fundamentos centrais, como por exemplo, nas teses acerca da unidimensionalidade do homem e no conceito de

dessublimação repressiva empreendidas por Herbert Marcuse⁴⁰. Assim como, nas concepções de Adorno acerca de uma dialética negativa no qual expõe uma espécie de resistência a dominação partindo de um conceito de não identidade, que embora diga respeito a uma não identidade conceitual e não propriamente psicanalítica leva em consideração o paradigma do inconsciente como possibilidade.

Para esses teóricos os escritos de Sigmund Freud representavam de maneira inequívoca o único modelo psicanalítico passível de relacionar-se com a teoria social crítica, isto pelo fato de que a crítica da razão e a crítica da cultura exigiam necessariamente categorias próprias de uma teoria que circulasse justamente no terreno da “desrazão” apontando a falsidade da identidade entre os sujeitos e o mundo; como salienta Rouanet (*ibid*) na citação que se segue:

Podemos dizer que o uso de categorias freudianas e marxistas é determinado pelas exigências de seu objeto, que é a crítica da cultura. Se a Escola de Frankfurt é crítica da ideologia e crítica da cultura, o é, em grande parte, através de Marx e de Freud; mas o é, também, contra Marx e Freud. Aplicando a Freud, esse duplo movimento significa que sem a psicanálise, os frankfurtianos não poderiam fazer sua crítica da cultura. (p.76)

Diante de tal explanação torna-se necessário a tentativa de esclarecer um traço fundamental de nossa análise, nesse sentido, se afirmamos logo acima que grande parte dos teóricos críticos ligados a Frankfurt assumiram, cada um a seu modo, a psicanálise como um pressuposto fundamental para a análise da sociedade, torna-se cabível o questionamento sobre por quais razões elegemos Erich Fromm como um eixo fundamental da

⁴⁰ Ver: Marcuse, H. Eros e civilização. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional. Tradução de Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

relação entre psicanálise e Teoria Crítica neste texto.

Entendemos que a resposta a esse questionamento nos coloca diante de uma hipótese interessante, qual seja, a busca de um entendimento acerca dos potenciais entrecruzamentos teóricos entre Erich Fromm e Axel Honneth, pois ambos parecem convergir ao menos sobre um pressuposto fundamental, o da constituição psíquica do indivíduo com um processo essencialmente interacional.

Um primeiro ponto importante para o desenvolvimento desta ideia parte do pressuposto de que Erich Fromm desenvolve a relação entre psicanálise e teoria social enfatizando as questões socioeconômicas, ou seja, ambientais de uma maneira muito mais interacionista que os psicanalistas ortodoxos poderiam admitir. De certo, se torna explícito em Fromm a historicização de algumas categorias psicanalíticas na medida em que as dispõem em um modelo relacional de adaptação ativa e passiva dos indivíduos. Nesse ponto, Marin (2008) nos aponta justamente isso ao expor que:

Para Fromm, a ideia mais importante para uma psicologia social de inspiração analítica que se interesse pelos processos sociais é a de que o desenvolvimento pulsional é o produto da adaptação ativa e passiva da estrutura pulsional à estrutura social vigente, sendo esta última formatada pela estrutura econômica. (p.234).

Em conformidade com o exposto acima, temos ainda que, retornando ao artigo “*o método e função de uma psicologia social analítica*” (ibid) Fromm revela uma crítica substancial para com a psicanálise freudiana ortodoxa ao situar fundamentalmente a condição ativa de relação que o indivíduo possui no jogo de forças entre estruturas pulsionais e fatores exteriores. De fato, Fromm é explícito ao afirmar a preponderância do ambiente

ante as pulsões, assim:

Na interação dos impulsos psíquicos e das condições econômicas, estas têm a primazia. Não no sentido de que representam o motivo mais forte; esta questão é espúria, pois não estamos lidando com motivos quantitativamente comparáveis no mesmo plano. Têm primazia no sentido de que a satisfação da necessidade para a autopreservação está ligada à produção material; e de que a modificabilidade da realidade econômica é mais restrita do que a do dispositivo instintivo humano – em particular, o instinto sexual. (P.146)

Mais adiante neste mesmo texto, Fromm ainda apresenta uma ideia fundamental para a hipótese de uma correlação mesmo que distante com Axel Honneth, assim de uma maneira muito interessante ao expor sobre a potencialidade da família na estrutura psíquica dos indivíduos ressalta que “o papel dos fatores formativos primários cabe às condições econômicas” (p.147) e que justamente “a família é o meio essencial através do qual a situação econômica exerce a sua influencia formativa”. (p.147).

Portanto, diante do exposto nos parece aceitável a hipótese de que Erich Fromm tenha realizado a primeira tentativa em assimilar psicanálise e teoria social desde uma perspectiva interacionista, embora, sem romper totalmente com a psicanálise freudiana. De certo, como nos aponta Dunker (2007) Fromm situou-se no rol dos teóricos conhecidos como revisionistas da psicanálise freudiana e, nesse sentido teria substituído “o peso da sexualidade em psicanálise pelo papel da emotividade e parecia propugnar um conceito bastante liberal de liberdade” (p.16).

Assim, os primeiros anos de pertencimento de Erich Fromm no instituto de pesquisa social de Frankfurt, apontam para uma crescente crítica ao freudismo ortodoxo. Nesse sentido, tanto a ênfase dada a família como meio privilegiado para a constituição de um eu ideologicamente reprimido no

capitalismo, como a hipótese sobre a formação do caráter ser vinculada essencialmente às condicionantes históricas e sociais situam Fromm em um movimento de distinção para com a metapsicologia freudiana.

De fato, Fromm (ibid) expõe claramente sua postura crítica às concepções freudianas quando aponta o caráter social e não biologista da estrutura pulsional na formação do indivíduo.

...toda e qualquer sociedade possui uma estrutura Libidinal distinta, tal como tem as suas próprias estruturas económicas, social, política e cultural. Essa estrutura Libidinal é o produto da influência das condições socioeconômicas sobre os impulsos humanos; por sua vez, é um fator importante no condicionamento da evolução emocional nos vários níveis da sociedade e no conteúdo da superestrutura ideológica. A estrutura Libidinal de uma sociedade é o meio pelo qual a economia exerce a sua influência nas manifestações intelectuais e mentais do homem. P.159

Mesmo diante de todo lapso temporal entre os escritos de Erich Fromm e a teoria do reconhecimento de Axel Honneth, buscamos até aqui demonstrar uma espécie de fio condutor que costura a relação entre psicanálise e Teoria Crítica do ponto de vista notadamente relacional, desse modo, elucidamos a primeira parte da fisionomia dessa relação através do revisionismo psicanalítico de Erich Fromm. Cabe-nos agora, portanto, demonstrar a segunda parte de nossa hipótese tomando como base as considerações de Axel Honneth sobre a relação entre psicanálise e a constituição do eu de uma perspectiva intersubjetiva.

De antemão, a confluência entre Erich Fromm e Axel Honneth nos apresenta algumas considerações prévias que em nosso entendimento são fundamentais. Em primeiro lugar, tanto Erich Fromm por seu revisionismo psicanalítico, quanto Axel Honneth com sua apropriação winnicottiana da

psicanálise rejeitam o conjunto de formulações metapsicológicas próprias do freudismo. Soma-se a isso o fato de que como veremos adiante, Axel Honneth também parece refutar pela via da teoria das relações de objeto a concepção de uma pulsão de morte e de um narcisismo primário.

Nesse sentido, partiremos agora para a compreensão de como Axel Honneth conjuga em sua teoria um tipo de modelo psicanalítico que possibilite referendar, pelo curso das relações afetivas primárias, a ideia de reconhecimento, então baseadas no amor familiar.

3.3 Da simbiose à autonomia: sobre as relações entre a Teoria do Reconhecimento e a psicanálise de Donald Winnicott.

Como já apontamos anteriormente, o amor enquanto relação de reconhecimento designa para Honneth um estágio primeiro e necessário onde os indivíduos se formariam como seres autônomos e individualizados.

Para além de uma ideia romantizada de amor essa hipótese apresenta a concepção de que a intersubjetividade posta nas relações afetivas primárias seriam fundamentais para a formação de indivíduos seguramente capazes de se apresentar no mundo em uma relação de confiança em si mesmo e no outro generalizado reconhecendo-se, portanto como pessoa intacta em seus direitos e dando reconhecimento a outrem.

Nessa perspectiva, O “ser-si-mesmo em outro” apontado por Honneth⁴¹ com base no sistema da eticidade de Hegel⁴² não quer exprimir

⁴¹ HONNETH, A. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Ed. 34, 2003

⁴² Sobre os escritos de Jena e a questão da intersubjetividade ver: Jenaer Systementwürfe I. Hamburg: Felix Meiner, 1986b. In: LIMA, Erick C. de. O fragmento 22 dos Jenaer Sytementwürfe (1803/1804): apresentação e tradução. Revista Eletrônica Estudos He-gelianos, Ano 5, nº 8, Junho-2008: 75-98.

outra coisa além de afirmar que a formação dos sujeitos enquanto singularidade dependeria de um conflito, engendrado por reconhecimento, que pendularia entre autonomia e simbiose. No entanto, para retirar esse esquema conceitual de um quadro especulativo faz-se necessário a uma teoria social que busca sua fundamentação na materialidade o apoio de uma ciência que tem por seu objeto o estudo da formação da subjetividade e suas patologias originadas nos primeiros anos de vida.

É desse modo que os estudos psicanalíticos confluem para o centro da discussão de uma evolução social a partir do reconhecimento, por essa razão o teórico de Frankfurt passa a utilizar categorias próprias de um tipo de psicanálise que aprofunda empiricamente a questão da formação da subjetividade enquanto tributária de um reconhecimento intersubjetivo.

Nesse sentido, os trabalhos de Donald Winnicott parecem soar como uma tentativa profícua para dar a luta por reconhecimento baseada no amor seu caráter ontogênico sem a necessidade de recorrer a especulações metapsicológicas, até porque essa ideia de amor se configura como amor objetal se afastando das hipóteses de um amor narcísico, haja vista que o narcísico é o que se volta para si mesmo e se afasta da realidade externa, enquanto o outro indicaria a fusão e dependência com o mundo exterior, terreno do reconhecimento.

A breve citação “não existe tal coisa chamada bebê” exposta na obra *A criança e seu mundo (1982)* exalta com clareza a direção tomada pelo psicanalista, em tal afirmação se inscreve a ideia de que não é possível pensarmos em sujeitos individuados desde o princípio da vida, ao contrário, será necessário para o alcance de tal status uma construção dialógica que parta da simbiose entre mãe-bebê. Assim, a primeira luta por reconhecimento

está no curso de um processo de diferenciação e autonomia permeado pelo amor.

No curso de tais afirmações, a categoria dependência cumpre um papel fundamental para o entendimento do reconhecimento, de fato, o bebê nasce incapaz de se manter independente tanto psíquico quanto biologicamente, nesse sentido, sua existência parte de uma condicionalidade a uma qualidade ambiental que é proporcionada em larga medida por uma figura materna em um estado de preocupação primária. Diante desse estágio pré-reflexivo de dependência absoluta onde se experimenta o total comprometimento corporal e psíquico de uma mãe para com seu bebê é que derivam o processo de integração e individuação, desse modo, nos expõe Passos-Ferreira (2012)

A novidade do processo proposto por Winnicott reside no fato de que a capacidade de se objetificar, de se metarepresentar e de construir a referência sobre si só é possível na relação triangular bebê- mãe- objeto. A mãe ambiente é o intérprete que apresenta o mundo dos objetos físicos e culturais ao bebê. É ela que apresenta também os objetos linguísticos e os conceitos. Portanto, o conceito de eu, fundamental para a emergência da autoconsciência, é adquirida nessa relação triangular. (p.177)

O processo de maturação parte de uma unidade simbiótica entre uma figura comprometida e um ser em estado de dependência e no curso dessa estabilidade ambiental é que pode se configurar a autonomia de alguém que se reconhece e pode reconhecer. A passagem exposta em *Natureza Humana (1988)* é nesse sentido, fundamental:

No estágio inicial não é lógico pensarmos em termos de indivíduo, e não apenas devido ao grau de dependência ou apenas porque o indivíduo ainda não está em condições de

perceber o ambiente, mas também porque ainda não existe ali um self individual capaz de discriminar entre o EU e o não-EU.

Ao olharmos, vemos uma mãe e um bebê desenvolvendo-se em seu útero, ou seguro em seus braços, ou sendo cuidado por ela de alguma forma. Mas, se olharmos através dos olhos do bebê, veremos que ainda não há um lugar a partir do qual olhar. No entanto, somente todo desenvolvimento futuro está ali e a continuidade da experiência de ser é essencial para a saúde futura do bebê que virá a ser um indivíduo. P.153

Entendemos nesse ponto que os conceitos formulados por Winnicott para a compreensão do desenvolvimento infantil vão ao encontro dos elementos centrais da teoria elaborada por Honneth. *Dependência absoluta e relativa, destruição e testagem de objeto* formam assim a estrutura conceitual que nos permite ligar a psicanálise a uma teoria social que possui como seu fundamento o reconhecimento.

A concepção de dependência absoluta, como brevemente já apontamos, traz como hipótese um estágio primário de desenvolvimento emocional em que mãe e bebê encontram-se simbioticamente ligados, tanto a carência total do ponto de vista da criança quanto a devoção absoluta da mãe demonstram que os dois se comportam como unidade indiferenciada. A criança, nessa perspectiva, vivencia todos os atos sensíveis como expressão de onipotência e narcisismo enquanto a mãe, por outro, lado deve manter uma atitude positiva para satisfazer esse nível de ilusão.

Como nos expõe Winnicott (1983): “todos os processos de uma criatura viva constituem um *vir-a-ser*, uma espécie de plano para a existência. A mãe que é capaz de se devotar, por um período, a essa tarefa natural, é capaz de proteger o *vir-a-ser* de seu nenê”. P.82.

Da perspectiva evolucionista do psicanalista inglês, esse primeiro estágio vai naturalmente se fluidificando na medida em que mãe e bebê

passam por um processo de ampliação de independência, tanto a atenção voltada as rotinas diárias do ponto de vista da mãe como as conquistas cognitivas e biológicas da criança indicam o curso desse processo de autonomia, contudo, tal independência não pode ser construída sem o conflito pela busca da confirmação do amor daqueles que agora se desadaptam gradativamente.

Nessa tendência, o que se visualiza no processo intersubjetivo é uma etapa de formação de dependência relativa que como tal é fundamental para o reconhecimento do sentimento de amor e a completude do ser-si-mesmo em outro na relação primordial entre mãe- bebê. No processo que segue rumo a integração do self, a criança passa a constatar que a mãe existe como algo exterior ao seu mundo subjetivo, nesse sentido, a pessoa de referência primária é vista paulatinamente para além do mero objeto passando a ser constatada como indivíduo autônomo. Assim afirma Winnicott (ibid):

O estágio seguinte, o de dependência relativa, vem a ser um estágio de adaptação a uma falha gradual dessa mesma adaptação. É parte do repertório da grande maioria das mães prover uma desadaptação gradativa, e isso está muito bem orientado para o rápido desenvolvimento que o lactante revela. P.83

A percepção gradual do mundo, enquanto realidade externa que se apresenta ao bebê como resultante de processo de amadurecimento normal, necessariamente é gerador de um movimento inconsciente de angústia que estimula a testagem agressiva sobre o objeto investido por um amor onipotente, dito de outra forma, a percepção crescente da mãe como algo no mundo insere a criança em uma luta entre o desejo simbiótico e desenvolvimento do reconhecimento. Nesse sentido, a criança passa a testar

de maneira agressiva o objeto “mãe”, como parte de um mecanismo primário para a compreensão de que está existe para além de si a destruição cumpre então um papel fundamental de corte do momento simbiótico.

Contudo, cabe a mãe também o papel de resistir a tais investidas agressivas, se está provém um ambiente suficientemente bom a ponto de respeitar as ilusões de onipotência da criança como expressão de seu desenvolvimento o substrato desse encontro intersubjetivo fornecerá a abertura para um espaço transicional do sentimento de amor e confiança para algo além do “eu”, conquista que se dirige como elemento básico para todas as posteriores formas de relacionamento afetivo durante a vida. Conforme nos aponta Winnicott (*op.cit*)

Uma vez que essas coisas tenham se estabelecido, como ocorre na normalidade, a criança se torna gradativamente capaz de se defrontar com o mundo e todas as suas complexidades, por ver aí, cada vez mais, o que já está presente dentro de si própria. Em círculos cada vez mais abrangentes da vida social a criança se identifica com a sociedade, porque a sociedade local é um exemplo de seu próprio mundo pessoal, bem como exemplo de fenômenos verdadeiramente externos. P.87.

Sinteticamente procuramos esboçar até aqui alguns argumentos com o intuito de compreender a partir da psicanálise de Winnicott as conexões desta com a teoria social empreendida por Honneth, desse modo buscamos evidenciar que em seus estudos sobre a formação do self, enquanto estrutura que transita entre autonomia e dependência afetiva, a ciência do inconsciente considera o processo de reconhecimento como traço elementar e ontogênico do acontecer humano.

Por esse ângulo podemos sugerir a hipótese segundo a qual Winnicott e Honneth compartilham uma ideia de natureza humana que, em

potência, tenderia a um processo de desenvolvimento contínuo motivado por reconhecimento, isto é, do amor, do direito e da estima social, pois é justamente a partir da negação do reconhecimento que se engendra a luta estruturante para tornar-se indivíduo (do ponto de vista psíquico) e para ser considerado cidadão em sentido pleno (socialmente reconhecido). Assim, tanto a psicanálise winnicottiana quanto a teoria crítica formulada por Honneth confluem para o entendimento das grandes patologias individuais e sociais como consequências do não reconhecimento em seus diversos níveis.

Tendo realizado essa aproximação entre as duas teorias, objetivamos agora delimitar basicamente quais os pressupostos básicos que impossibilitam a psicanálise ortodoxa de compor o quadro conceitual de uma luta por reconhecimento. Nesse sentido, centraremos nossa atenção na discordância fundamental que tanto Winnicott quanto Axel Honneth parecem compartilhar contra Freud, a saber, as categorias metapsicológicas.

3.4 A PSICANÁLISE E O AVESSO DO RECONHECIMENTO.

Pulsões, aparelho psíquico e libido são categorias que permanecem desde o início da teorização proposta por Freud como um conjunto conceitual estruturante dos caminhos para o entendimento da experiência clínica. A esses elementos que são formulados com o intuito de compor uma estrutura especulativa podemos denominar a metapsicologia.

Como um conjunto de ficções heurísticas⁴³ que devem guiar o psicanalista poderíamos então assumir que o recurso metapsicológico se

⁴³ Abordaremos abaixo com maior profundidade tal conceito, contudo, de antemão a citação de Freud é fundamental para o que se seguirá: “*sem especular nem teorizar – por pouco eu iria dizer fantasiar – metapsicologicamente, não se avança aqui um passo sequer*” (Freud, 1996 [1937], p. 238)

assenta na medida em que os fatos clinicamente observáveis não são suficientes para descrever a totalidade dos fenômenos psíquicos.

No entanto, mais além da problemática epistemológica que se apresenta, o que buscaremos evidenciar é o fato da metapsicologia freudiana exprimir uma concepção sobre entendimento da natureza humana alicerçado sobre critérios deterministas como as leis da Física⁴⁴.

Em primeiro lugar, a necessidade de se criar conceitos especulativos para a compreensão daquilo que não se comprova empiricamente já demonstra uma distinção entre exterioridade e interioridade permanente, por essa lógica a psicanálise atuaria pela crença de uma fronteira fortemente delimitada entre o mundo subjetivo e objetivo.

Nesse sentido, o ponto de vista tópico da metapsicologia freudiana também parece corroborar para uma compreensão de indivíduo fechado em si mesmo, a construção especulativa de um aparelho psíquico regido por energias supõe que o psiquismo funcionaria como um sistema mecânico atuando por princípios estritamente causais. Assim expõe Freud (1996)

Por conseguinte, representaremos o aparelho mental, como um instrumento composto, aos componentes do qual daremos o nome de 'instâncias' ou (por amor a maior clareza) 'sistemas'. Deve-se prever, a seguir, que estes sistemas podem talvez ficar numa relação espacial regular uns com os outros, da mesma maneira pela qual os diversos sistemas de lentes de um telescópio são dispostos um atrás do outro. Falando de modo estrito, não há necessidade da hipótese de que os sistemas psíquicos sejam realmente dispostos numa ordem espacial. Seria suficiente que fosse estabelecida uma ordem fixa pelo fato de, num determinado processo psíquico, a

⁴⁴ Sobre isso, a crítica de Winnicott é contundente: Freud aí lida com a natureza humana em termos de economia, simplificando o problema deliberadamente com o propósito de estabelecer uma formulação teórica. Existe um determinismo implícito em todo esse trabalho, a premissa de que a natureza humana pode ser examinada objetivamente e que podem ser aplicadas a ela as leis que são conhecidas em Física. (1958o, p. 20)

excitação passar através dos sistemas numa seqüência temporal especial. P. 573

Da compreensão da mente funcionando como um mecanismo, podemos então considerar primeiramente que Freud atua pela forma representacional do psiquismo como única maneira de acesso a realidade o que reduziria a complexidade do ser a uma metafísica onde o que aparenta estar em jogo está muito mais ligado a dinâmica do *representar como se fosse*. A esse respeito, Ribeiro (2008) abordando a questão do abandono de Winnicott com relação às categorias metapsicológicas nos aponta:

Winnicott, ao invés de buscar o conforto metafísico das conexões causais de um aparelho psíquico desde sempre constituído e que lida representativamente com o mundo, lançou seu olhar para o que se impõe precariamente como fenômeno originário, seja o bebê em seu mundo subjetivo, seja a criança no brincar que resiste a qualquer categorização nos moldes da tradição metapsicológica e, porque não, metafísica.P.43

Desse modo, o indivíduo que se apresenta na teoria de Freud é aquele movido basicamente por pulsões, que colocadas em funcionamento, estabelecem a partir de uma identificação com parceiros de interação um investimento de energia e descarga de libido, assim a relação intersubjetiva expressa nesse ideário aponta para um movimento onde os indivíduos se defrontam da perspectiva de seu “eu” individualizado em um cálculo entre prazer/desprazer.

Contrariamente a tal posição teórica, Winnicott se coloca alheio ao determinismo freudiano e as especulações metapsicológicas que visualizam o psiquismo como um aparelho, nesse sentido, a direção que o psicanalista inglês assume é a de substituição de tais ficções pelos conceitos de identidade

pessoal e integração que por seu fundamento exige a centralidade da intersubjetividade. Ribeiro (ibid) discutindo sobre a possibilidade de uma psicanálise não metafísica, assim explica:

Winnicott confere relevância a temas que não pressupõem garantias metafísicas, por exemplo, não pressupõe a existência de um eu capaz de lidar representativamente com o real, não reduz a realidade a objetos de investimento, enfim, não toma como ponto de partida um ente com apetite e com habilidade para representar objetos totais ou parciais, internos ou externos. Seu modo de abordar a natureza humana não presume que a todo ser humano esteja disponível o sentimento de real, sendo assim, se dispõe a examinar a jornada, em termos de amadurecimento emocional, necessária para tal conquista. P.43

Com os argumentos que expusemos até aqui, visamos explorar alguns poucos conceitos centrais da obra freudiana com a intenção de clarificar os pressupostos que poderiam inviabilizar sua apropriação por uma teoria do reconhecimento, no entanto, é válido ressaltar ainda que embora Axel Honneth já tenha deixado exposto tal recusa a alguns conceitos freudianos em *Luta por reconhecimento (op. Cit)* a discussão sobre os aspectos metapsicológicos ainda ressoa de maneira profícua em suas obras mais recentes.

Em *The I in We (2012)* no capítulo intitulado *The work of negativity: A recognition – theoretical revision of Psychoanalysis* a questão sobre as pulsões retorna de maneira mais direta. De fato, mais precisamente a discussão crítica sobre a negatividade enquanto pressuposto fundamental da teoria pulsional freudiana passa a ocupar o centro da problemática para Axel Honneth.

É certo, vale ressaltar, que os argumentos lançados pelo autor nesse texto possuem uma tentativa de resposta aos críticos da ideia de um intersubjetivismo como socialibilidade inata o que por sua obviedade, se bem demonstramos até aqui, colocaria em suspensão as ideias referentes a uma

agressividade primária. Nesse sentido, Honneth dirige sua argumentação mais diretamente a Joel Whitebook, crítico tanto da sua leitura hegeliana quanto psicanalítica⁴⁵. Como nos aponta Pacheco (2018) ao afirmar que:

As críticas de Whitebook estão focadas justamente na defesa honnethiana de tal sociabilidade inata e na decorrente tese da origem intersubjetiva da negatividade no sujeito. O psicanalista articula a interpretação gadameriana de Hegel (que, como dito, enfatiza a conotação carnal da palavra alemã Begierde) à noção freudiana de pulsão de morte (que se dirige à recondução do organismo vivo a um estado inorgânico) e defende que há uma potência primária de negatividade no sujeito, de origem biológica, a qual precede relações intersubjetivas (P.80)

Decerto, Whitebook ressalta aquilo que os teóricos críticos da primeira geração já apontavam como a maior contribuição da psicanálise como potencial de emancipação e não identidade com a totalidade do capitalismo avançado, nesse sentido, a teoria freudiana das pulsões é de fundamental importância para a crítica social, pois tais energias primárias, além de serem forças de desmonte de instituições estabelecidas, carregam um potencial de criação.

Desse ponto de vista, como o próprio Whitebook sugere, ele se encontra muito mais próximo de um pessimismo freudiano enquanto Honneth se coloca mais disposto a uma visão da compreensão de um ser humano que carrega consigo o potencial de uma sociabilidade inata⁴⁶.

⁴⁵ Ver: Whitebook, J. (2001). Mutual recognition and the work of the negative. In W. Rehg & J. Bohman (Eds.), *Pluralism and the pragmatic turn. The transformation of critical theory. Essays in honor of Thomas McCarthy* (pp. 257- 293). Cambridge: MIT Press

⁴⁶ Literalmente, no artigo intitulado *Omnipotence or Fusion? A Conversation between Axel Honneth and Joel Whitebook*, *Constellations*, 2016. 23, Whitebook escreve o seguinte: "I think the way I posed my criticisms of Axel were too much in terms of *Weltanschauung*, too much in terms of the goodness or badness of the human animal. I think we do have different views about those question of worldview—I'm closer to a Freudian pessimist, and he's much closer to a more sociable view" (p.171)

É interessante notar, contudo, que Honneth não despreza a agressividade ou negatividade como parte da experiência humana, mas a desloca de uma posição de pulsão biológica para o próprio processo de socialização. Nesse sentido, a exemplo de Winnicott, Honneth (2016) aponta que a agressividade e destruição são partes constituintes de um movimento para maturação e independência de um self que se abre para a realidade e se angustia pela perda de sua fusão com o objeto primário.

Assim, eu substituiria o narcisismo primário não com um estágio inicial de fusão, mas sim com a experiência do bebê de estágios afetivos momentâneos de estar fundido com o outro. Este é o impulso evitando o outro independente. A criança tem medo de perder a ilusão de fusão e, portanto, de ser confrontado com o outro já não sendo completamente isento de resistência e, portanto, completamente o outro como o que eu estou fundindo.⁴⁷

De todo modo, como síntese das argumentações acerca da negatividade Honneth (2012) deixa claro sua posição ante a uma psicanálise ortodoxa e, nesse sentido, afirma que não obstante as dúvidas que possam surgir acerca das tendências agressivas dos indivíduos é mais sensato abster-se de uma teoria excessivamente calcada nas pulsões, pois a intenção crítica de uma teoria da sociedade bem menos “abstendo-se da suposição de que os humanos são constitucionalmente equipados com uma pulsão de morte ou pulsão agressiva”⁴⁸

Assim buscamos deixar claro que, ao menos de maneira preliminar, a psicanálise ortodoxa não pode se aliar a uma teoria social cuja normatividade

⁴⁷ Tradução minha do original: So I would replace primary narcissism not with an early stage of fusion, but rather with the experience of the infant of momentary affective stages of being fused with the other. This is the driving force behind avoiding the independent other. The infant is afraid of losing the illusion of fusion, and therefore of being confronted with the other as no longer the completely resistless, and therefore completely the other as the one with which I am fused. P.176

⁴⁸ Tradução minha do original: abstaining from the assumption that humans are constitutionally equipped with a death drive or aggression drive. (p.200)

se dá pelo reconhecimento, afinal ambas aparentam discordar radicalmente sobre a interpretação da humanidade.

3.5 APONTAMENTOS SOBRE A METAPSIKOLOGIA ENQUANTO FICÇÃO HEURÍSTICA

Tratamos até aqui de demonstrar que a entrada da psicanálise na teoria social de Axel Honneth se dá por meio das contribuições de Donald Winnicott e sua teoria do amadurecimento, dessa forma, distinto de outros teóricos críticos que lançaram mão da teoria freudiana Honneth escapa da problemática metapsicológica ao mesmo tempo em que a crítica em alguns pontos.

De fato, como mencionamos acima a convergência entre a ideia de um reconhecimento primário, ou mesmo a predisposição a um reconhecimento não parece se encaixar nos escritos freudianos. No entanto, entendemos que se torna fundamental a esse trabalho a tentativa de esclarecer o que de fato se entende por metapsicologia e por quais razões Freud criou essa tipologia.

E isso se dá por uma razão de comprometimento lógico com nossa argumentação, pois em nosso entendimento não basta demonstrar que os autores criticam a metapsicologia, afinal é preciso entender o que se torna objeto da crítica.

Assim, nos colocamos agora diante de uma tentativa de clarificação acerca dos aspectos metapsicológicos da teoria de Freud e o modelo científico no qual o teórico se apoiava. Para tanto, partiremos de uma separação analítica segundo a ideia de que a psicanálise poderia ser dividida em um

modelo empírico que trata dos fatos clínicos e um modelo especulativo não necessariamente alicerçado sobre bases factuais.

Nesse sentido, o que visamos é justamente evidenciar a hipótese de que este referencial abstrato especular diz respeito a um programa científico que descenderia desde Kant e seu programa de pesquisa para as ciências naturais, como nos aponta Loparic (2001).

O método usado por Freud na construção da sua psicologia do inconsciente é basicamente o método especulativo ou método de construções auxiliares, inspirado em Kant e frequentemente usado nas ciências naturais na época de Freud. P. 99

De antemão nos afastamos assim da compreensão de que a metapsicologia estaria diretamente ligada a uma teoria explicativa do comportamento humano e nos dirigimos para a aceitação de que esta se contraporía a uma interpretação realista das entidades que por assim dizer ela mesma cria.

Desse ponto de vista a hipótese é de que Freud estaria então imbuído por um modelo científico onde “as teorias funcionam heurísticamente “como esquemas conceituais criados deliberadamente para dirigir a investigação empírica e para por de manifesto conexões entre os dados observados”“. Blum (1998).

Passemos assim a um dos questionamento fundamentais que alicerçam nossa reflexão, qual seja, que necessidades levaram Freud a formulação de construções metapsicológicas concernentes a um programa de pesquisa kantiano para as ciências naturais⁴⁹?

⁴⁹ Acerca disso o artigo, LOPARIC, Zeljko. De Kant a Freud: um roteiro. Kant e-Prints. Campinas, Vol. 2, n. 8, 2003 é elucidativo, por exemplo na citação que se segue: “Como surge a necessidade de especulação na ciência empírica? Na tentativa de estabelecer séries completas de causas de fenômenos, o cientista se defronta, inevitavelmente, com séries

Acreditamos que Assoun (1996) nos dá os primeiros indícios para se tatear uma resposta que minimamente satisfaça a problemática suscitada quando este aponta que: “É justamente por não existir uma estrada real para a verdade, que é necessário, “na ciência do inconsciente” também, esse trabalho metapsicológico”. (p.13).

Dito de outra maneira, poderíamos então assumir que o recurso metapsicológico se assenta na medida em que os fatos clinicamente observáveis *per se* não são suficientes para descrever a totalidade dos fenômenos psíquicos. Assim, contrariamente a uma psicologia descritiva que transita no terreno da consciência e que em última análise estaria limitada por uma espécie de lógica científica reducionista de justificação entre teoria e empiria, Freud (1996 [1940]) aceita a especulação para dar conta de uma nova causalidade, o inconsciente.

Enquanto a psicologia da consciência nunca foi além das seqüências rompidas que eram obviamente dependentes de algo mais, a outra visão, que sustenta que o psíquico é inconsciente em si mesmo, capacitou a Psicologia a assumir seu lugar entre as ciências naturais como uma ciência. Os processos em que está interessada são, em si próprios, tão incognoscíveis quanto aqueles de que tratam as outras ciências. P. 170.

Seria justamente por conta então dos limites da observação do psiquismo que os elementos não observáveis ganhariam vida e constituíram uma espécie de mitologia psicanalítica onde as conceituações como força e energia psíquica formariam um arcabouço conceitual não empírico, porém, tão

infinitas de causas. Sendo assim, a razão, no interesse de completar as séries de determinações causais, postula um determinante originário, incondicionado, que não precisa mais ser explicado. Esse incondicionado é objeto de uma ideia da razão meramente problemática, um ente de razão, não uma realidade empírica.” (P.8)

pouco desprezível se levarmos em consideração o terreno científico onde Freud se assentou.

Nesse sentido, os elementos especulativos teriam uma função de preencher as lacunas deixadas pelo cientista entre os fenômenos e suas possíveis determinações de causalidade, as formulações especulativas seriam funcionais haja vista que mediarão, mesmo que provisoriamente, o fato e seu conteúdo de realidade incognoscível. Como nos aponta Fulgêncio (2003a)

Com o auxílio dessas ficções, Freud espera obter um controle do material empírico de modo que ele possa procurar as explicações que venham completar as lacunas que ficam no entendimento dos fenômenos quando o cientista fica restrito apenas ao campo descritivo, buscando, pois, descobrir séries completas sobre as determinações causais que os produzem. P.137/138.

Realizado este primeiro esforço reflexivo, devemos salientar que os aspectos especificamente metapsicológicos da construção científica freudiana, não são suficientes para o estatuto de ciência da psicanálise, pois constituem-se como conteúdos meramente especulativos e vazios de correspondentes factuais. O que buscamos evidenciar, portanto, é uma articulação fundamental que Freud realiza entre empiria e especulação cumprindo assim seu modelo científico.

Sendo assim, a psicanálise deve se ancorar efetivamente sob a autoridade da experiência clínica e é por seu turno tanto um método de tratamento das afecções psicopatológicas quanto o substrato de sua ciência. Nesse sentido, como nos afirma Loparic (ibid).

Considerada à luz dessas observações, a psicanálise freudiana pode ser vista como uma psicologia clínica que estuda distúrbios psíquicos do tipo que hoje costumamos chamar de neuróticos. Na sintomatologia e no tratamento de todos esses

atos, retornam regularmente certos fatos básicos, entre eles a repressão, a resistência e a transferência. A experiência clínica mostra, além disso, a conexão regular e inconsciente entre esses fenômenos com a sexualidade e as diferentes fases de desenvolvimento desta; em particular a sexualidade infantil, caracterizada pelo complexo de Édipo. P. 97.

Passemos assim a tentar compreender resumidamente o que Freud assume como sua psicanálise dos fatos clínicos, ou seja, aqueles retirados da experiência analítica e que, portanto podem ser passíveis de observação. Entendemos que essa diferenciação é válida na medida em que aos separarmos os conteúdos empíricos das construções especulativas podemos visar uma compreensão mais apurada de nossos objetivos, ressaltamos, no entanto, que nossa concordância é de que a ciência psicanalítica, ao menos a freudiana, só se realiza na medida em que não se aparte aspectos empíricos e construções auxiliares.

Dessa maneira, a psicologia empírica de Freud estaria formada sobre alguns conceitos que estruturam a psicanálise e que podem ser descritos com base na experiência clínica, mesmo que de maneira indireta. São estes segundo Fulgêncio (2003b).

Para Freud, os xiboletes⁵⁰ da psicanálise são: a diferenciação do psiquismo em consciente e inconsciente, a teoria dos sonhos e o Complexo de Édipo. Ele menciona, ainda, como fundamentos que caracterizam a psicanálise, sem denominá-los xiboletes, a transferência e a resistência. P. 3 e 4.

De acordo com essa concepção, Freud teria formulado a hipótese segundo a qual existiria um aspecto do inconsciente que pode ser descritivo na

⁵⁰ Sobre o entendimento da palavra xibolete o próprio Leopoldo Fulgêncio (2003a) nos esclarece da seguinte maneira: Freud caracterizará a psicanálise em função de um conjunto de conceitos e princípios compartilhados por um determinado grupo, que ele denomina seus xiboletes. Xibolete é uma palavra de origem hebraica, que significa *espiga* e tem o sentido figurado de uma prova decisiva que faz julgar a capacidade de uma pessoa. Originalmente, como consta no *Velho Testamento*, trata-se de uma prova de pertinência a um grupo que resulta numa questão de vida ou morte.

medida em que a constatação da experiência clínica revela lacunas elementares na consciência de pacientes. Acreditamos que um exemplo pertinente da perspectiva que estamos tentando demonstrar se encontra de maneira singular nos escritos sobre o inconsciente datados de 1915, nesse sentido, tentando responder sobre legitimidade e provas da existência dos xiboletes, Freud (1996 [1915]) nos escreve:

Ela é necessária porque os dados da consciência apresentam um número muito grande de lacunas; tanto nas pessoas sadias como nas doentes ocorrem com frequência atos psíquicos que só podem ser explicados pela pressuposição de outros atos, para os quais, não obstante, a consciência não oferece qualquer prova. Estes não só incluem parapraxias e sonhos em pessoas sadias, mas também tudo aquilo que é descrito como um sintoma psíquico ou uma obsessão nas doentes; nossa experiência diária mais pessoal nos tem familiarizado com ideias que assomam a nossa mente vindas não sabemos de onde, e com conclusões intelectuais que alcançamos não sabemos como. Pag 172

Tendo exposto de maneira básica os aspectos elementares da estrutura factual da psicanálise, nossa preocupação deve recair agora sobre os chamados conceitos que não possuem uma sustentação direta na experiência clínica, as chamadas ficções heurísticas.

3.5.1- Metapsicologia enquanto superestrutura heurística.

Tentamos evidenciar até aqui em traços muito gerais o que entendemos como a síntese da proposição de Freud sobre a cientificidade da psicanálise, ou seja, de que maneira esta busca seu lugar como ciência natural, assim julgamos ser o desejo do pai da psicanálise, levando em conta que sua causalidade não pode ser imediatamente observável.

Desse modo nossa reflexão apontou a filiação de Freud para um modelo não axiomático de procedimento para com seu objeto, decorre-se disso então a relação entre constatações empiricamente comprovadas e construções auxiliares que não possuem assentamento na experiência, mas se configuram como indispensáveis para a teoria. Nesse Sentido:

A psicanálise, tal como Freud a concebeu, é composta, então, por dois tipos de teoria. Um que abriga esse conjunto de conceitos especulativos que funcionam como ficções, conceitos que não têm, pois, referente possível no campo factual, cuja validade é apenas heurística; conjunto teórico que Freud denominou, no seu sentido estrito, de metapsicologia. E um segundo tipo de teoria, composto por conceitos que têm referente no campo dos fatos, tal como apreendidos na clínica pelo método de investigação e tratamento que é a psicanálise. (Fulgêncio, 2007). pag 47 e 48

Em Os instintos e suas vicissitudes (1915) esse tipo de discussão já parecia dar o sentido de sua importância para Freud, assim:

Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas ideias abstratas ao material manipulado, ideias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das nossas observações. Tais ideias – que depois se tornarão os conceitos básicos da ciência – são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborados. Devem, de início, possuir necessariamente certo grau de indefinição; não pode haver dúvida quanto a qualquer delimitação nítida de seu conteúdo. Enquanto permanecem nessa condição, chegamos a uma compreensão acerca de seu significado por meio de repetidas referências ao material de observação do qual parecem ter provindo, mas ao qual, de fato, foram impostas. Assim rigorosamente falando, elas são da natureza das convenções. (Pag 123)

Se bem demonstramos com a citação acima, fica claro a orientação de Freud por um guia metodológico balizado por conteúdos heurísticos, inúmeras são as referências nos escritos metapsicológicos sobre o

uso dessas convenções como modelo para a sustentação da psicanálise no rol das ciências naturais. No entanto, como apontam os autores que nos dão subsídios para este trabalho, por exemplo, Zeljko Loparic, Leopoldo Fulgêncio e Vera Lucia Blum, este método não é uma invenção de um suposto Freud epistemólogo, ao contrário, a adoção desse viés era já corrente em pensadores anteriores.

No trabalho de Fulgêncio (2003b) acerca dessa problemática o autor desenvolve que:

As proposições teóricas ou conceitos especulativos concebidos como construções auxiliares para realizar pesquisas não são uma inovação de Freud. Ao contrário, bem antes dele, filósofos, cientistas e epistemólogos já haviam analisado esse tipo de método de pesquisa, considerando-o não apenas aplicável, mas necessário às ciências naturais. Não é o caso, aqui, de apresentar uma análise detalhada da sua formação, baseada em seus mestres ou intelectuais admirados, tais como Fechner, Helmholtz, Brücke, Brentano, e que partilhavam desse método de pesquisa, que tem necessidade e é impulsionado por ficções heurísticas. Pag 12

Como já tratamos de apontar quais conceitos Freud considerava como fazendo parte da estrutura empiricamente observável da psicanálise, nossa atenção se volta agora para delimitar o que compõe a fundamentação da metapsicologia.

De modo geral, temos então que os princípios especulativos freudianos se orientam segundo um ponto de vista dinâmico, tópico e econômico os quais, como já apontamos, são agrupados tendo função de guia explicativa para se “tatear” os caminhos do olhar clínico.

Mas em que consistem tais princípios? O que levou Freud a nomear sua superestrutura com tais conceitos? Embora saibamos que tais questionamentos exigem um tratamento pormenorizado o que se mostra

incabível para este trabalho por seu caráter pontual, adentraremos o assunto na tentativa de sumariamente esclarecer alguns pontos que julgamos importantes. Assim Blum (*ibid*), a respeito de nossa questão nos expõe:

Na perspectiva dinâmica, a psicanálise trata os processos psíquicos como forças que ajudam ou inibem umas às outras, se combinam, entram em acordo uma com as outras. Essas forças são originalmente da natureza das pulsões. Do ponto de vista econômico, a psicanálise supõe que os representantes psíquicos das pulsões são investidos com determinadas quantidades de energia e supõe que o aparelho psíquico tem a tendência de impedir o represamento dessas energias e manter o mais baixo possível a soma total das excitações de que ele se acha carregado. A consideração tópica concebe o aparelho psíquico como um instrumento composto e procura determinar em quais pontos do aparelho se realizam os vários processos mentais. Pag 81

O modelo especulativo de Freud revela então que do ponto de vista dinâmico as forças psíquicas seriam semelhantes as forças da física que agiriam sobre a matéria, nesse sentido, o funcionamento da vida psíquica estaria subsumido a um regime de energias conflituosas, o indivíduo seria dessa forma um ser movido por pulsões⁵¹.

Essa “luta” dinâmica de forças, revelaria então que existiriam algumas tendências humanas voltadas para uma espécie de formação de compromisso para a vida (em sentido amplo, para além do biológico) e outras que agiriam de forma a eliminar o máximo de tensão do organismo, o que levaria em última instância o ser para um movimento de *não ser* enquanto tendência inorgânica.

É deste ponto de vista então que Freud elabora esquematiza no primeiro dualismo pulsional a divisão entre pulsões de auto conservação e

⁵¹ Estamos nos valendo da tradução de Pulsão advinda do alemão *TRIEB*, diferenciando-se então de *INSTINKT* como corre spondente estritamente biológico; sobre essa problemática ver: Os dois conceitos freudianos de *Trieb* em GOMES (2001).

pulsões sexuais e mais tardiamente no segundo dualismo entre pulsões de vida e pulsões de morte. Como nos aponta Giacoia (2008):

Baseando-se, dessa vez, na teoria preeminente dualista da vida instintual sustentada também por E. Hering, Freud distingue dois tipos de processos em ação constante na substância viva, operando em direções contrárias: um deles, de caráter construtivo e assimilatório, e outro, de caráter destrutivo ou dissimilatório. Por analogia, Freud aproxima, ou mesmo identifica essas duas direções tomadas pelos processos vitais com a atividade dos dois impulsos ou pulsões fundamentais: as pulsões de vida e as pulsões de morte. Pag 72

No que tange ao ponto de vista econômico da metapsicologia, este pode ser basicamente caracterizado como uma energia psíquica de natureza sexual que impulsiona as pulsões, dito de outro modo, a função de uma economia psíquica estaria voltada para o controle das excitações modulando os investimentos afetivos e visando o uma quantidade mínima de energia no aparelho psíquico.

Já no que diz respeito ao conceito típico de sua metapsicologia Freud atribui a este o papel de configuração de um aparelho psíquico que pudesse ser espacialmente figurado para assim todas as especulações assumirem seus respectivos lugares para uma melhor compreensão do funcionamento da “máquina”. Assim nos aponta Freud na Interpretação dos sonhos (1996 [1900]):

Por conseguinte, representaremos o aparelho mental, como um instrumento composto, aos componentes do qual daremos o nome de ‘instâncias’ ou (por amor a maior clareza) ‘sistemas’. Deve-se prever, a seguir, que estes sistemas podem talvez ficar numa relação espacial regular uns com os outros, da mesma maneira pela qual os diversos sistemas de lentes de um telescópio são dispostos um atrás do outro. Falando de modo estrito, não há necessidade da hipótese de que os sistemas psíquicos sejam realmente dispostos numa ordem espacial. Seria suficiente que fosse estabelecida uma ordem

fixa pelo fato de, num determinado processo psíquico, a excitação passar através dos sistemas numa seqüência temporal especial. p. 573

Realizamos até aqui uma breve reflexão sobre a divisão da psicanálise em seus aspectos empíricos e especulativos, tratamos de evidenciar os princípios gerais da metapsicologia enquanto parte de um programa científico onde as ficções heurísticas funcionam como modelos auxiliares para a compreensão daquilo que não é imediatamente observável. Nesse sentido, buscamos clarificar, mesmo que brevemente, cada um dos três princípios metapsicológicos que atuam como a bruxa pairando sobre os ombros de Freud, soprando seus feitiços⁵².

Diante do que expusemos, portanto, clarificamos o que se entende por metapsicologia e o que se coloca em jogo quando se decide arguir de maneira favorável ao modelo especular de Freud, decerto podemos afirmar que a aproximação de Axel Honneth para com a psicanálise das relações de objeto e o afastamento das concepções freudianas ortodoxas o livra da problemática metapsicológica e ainda, lhe permitir assumir que o processo de luta por reconhecimento pode ser justificado empiricamente no curso do processo do amadurecimento individual.

⁵² Sobre a referência à Bruxa metapsicológica citada por Freud em análise terminável e interminável, encontramos no trabalho de Ribeiro (2008) uma reflexão interessante, a qual se segue: "... o pai da psicanálise afirma que se perguntado por quais métodos alcança os resultados de sua teoria, contornaria a dificuldade em emitir uma precisa resposta, valendo-se daquela dada por Mefistófeles à Fausto: "Só há um meio então: é à bruxa recorrer!" (*So muss denn doch die Hexe dran!*). Esta sugestiva passagem foi retirada por Freud do *Fausto* de Goethe, precisamente na cena cujo cenário é um fogão aceso com uma grande panela que contém um caldo em fervura, exalando vapores. Fausto assume seu horror à toda espécie de feitiçaria, mas está seduzido pela possibilidade de adquirir um bálsamo que lhe traga juventude e bonança. Entretanto, preparar tal elixir requer labor, de modo que Mefistófeles não se dispõe a prepará-lo sozinho, então, a contragosto de Fausto, requisita a feitiçeira. Assim como o personagem de Goethe, Freud preferiria prescindir da feitiçaria, deste modo, se lamenta dos elementos obscuros e nebulosos que constituem suas especulações, entretanto, mesmo diante da pouca clareza e minuciosidade de sua metapsicologia, não pode eximir-se de adotá-la como elemento cardeal para a condução de seus passos científicos." p.144

Considerações Finais

Nossa dissertação procurou demonstrar a importância das esferas primárias de reconhecimento para a Teoria Crítica de Axel Honneth. É por meio de tais conceitos que Honneth, em larga medida auxiliado pelas formulações da psicanálise winnicottiana, consegue utilizar esforços para realizar uma teoria social.

As esferas primárias do reconhecimento permitem a compreensão do que condiciona, por um lado, a formação da personalidade no que diz respeito à psique individual como estrutura resultante de um encontro intersubjetivo e, por outro, a evolução para outras formas de reconhecimento como no caso do direito e da estima social. Dito de outra forma, nossa investigação buscou compreender de maneira detida os alcances e limites da relação promovida por Honneth na tentativa de assegurar um caráter “natural e empírico” ao plano filosófico do reconhecimento promovido por Hegel em seus escritos de Jena.

Dessa maneira, para justificar a ideia de uma luta por reconhecimento como um critério válido Honneth aceita a possibilidade teórica de que a construção da identidade humana é essencialmente relacional, ocorre através de uma interação social positiva entre sujeitos desde os primeiros momentos da infância.

Nesse sentido, o que elegemos como conceito central deste trabalho é a tentativa de demonstração de que o reconhecimento, como parte estruturante do acontecer humano é formado a partir de uma relação guiada por amor e desejo capaz de gerar a identidade e a autoconfiança do “eu”, dessa forma, o reconhecimento é o espaço potencial onde sujeitos se realizam

e formam suas pretensões de respeito e autonomia, o processo de reconhecer e reconhecer-se seria definitivamente um ato de sociabilidade inerente a cada indivíduo, uma luta travada por todos.

Efetivamente, mais do que apresentar essa estrutura de reconhecimento como sendo um conceito chave para a compreensão da teoria Honnethiana nosso trabalho abriu a possibilidade de analisar e discutir aportes teóricos que corroboram com as teses de Axel Honneth, como é o caso da psicanálise das relações de objeto. Nesse ponto, torna-se cabível a afirmação de que fundamento materialista dado por Honneth a essas estruturas de reconhecimento possibilitou a nossa dissertação um caráter interdisciplinar, assim sendo, caminhamos desde a psicologia de Piaget até Herbert Mead chegando a Freud e Winnicott.

No caso de Winnicott, vimos que o reconhecimento seria a condição necessária para a experiência completa sobre si mesmo e sobre o outro, a relação mãe-bebê que apresentamos tomando como fundamento a psicanálise winnicottiana nos demonstrou, nesse sentido, as possibilidades evolutivas para que um indivíduo se reconheça enquanto tal, pois desde a fase de uma dependência absoluta até o momento de um confronto afetivo de separação com a pessoa de referência, onde o bebê reconhece pela primeira vez que o outro é um ser independente de suas vontades, estaria representada a tese de que apreensão da realidade do sujeito é construída por intermédio de uma relação de reconhecimento formada dialogicamente.

Nesse ponto buscamos demonstrar então que se para Adorno, Horkheimer e Marcuse os escritos de Sigmund Freud representavam de maneira inequívoca o único modelo psicanalítico passível de relacionar-se com a teoria social crítica, isto pelo fato de que a crítica da razão e a crítica da

cultura exigiam necessariamente categorias próprias de uma teoria que circulasse justamente no terreno da “desrazão” apontando a falsidade da identidade entre os sujeitos e o mundo.

Já no programa teórico de Axel Honneth esse modelo é desconstruído e “substituído” podendo engendrar então uma teoria da psicanálise distinta. Efetivamente, o que buscamos tratar tangência o aspecto fundamental da teoria do reconhecimento, pois Honneth assume a postura de realizar um diagnóstico do tempo presente não mais ancorado em uma crítica da racionalidade. Ressaltamos que desde as formulações centrais da *Dialética do Esclarecimento* (1944) de Adorno e Horkheimer até a *Teoria da Ação Comunicativa* (1981) de Habermas o fio condutor que ligava o diagnóstico de época era mantido pela crítica a razão.

Para estes autores razão e dominação são termos que praticamente não se distinguem tanto na análise das sociedades capitalistas quanto no diagnóstico de suas patologias afirmadas nas teses da dissolução dos sujeitos pela reificação e na autonomização do sistema sobre o mundo da vida impedindo a comunicação livre.

Em Honneth, no entanto, o critério para se evidenciar o desenvolvimento patológico na sociedade deve pautar-se na busca do entendimento dos pressupostos intersubjetivos do desenvolvimento da identidade humana, ou seja, diferentemente de se buscar entender a deformidade da sociedade através do potencial perverso da razão, Honneth propõe analisar as patologias sociais pela dinâmica do reconhecimento.

Em última instância podemos “mensurar” as patologias da sociedade pelas violações de reconhecimento da identidade que são experimentadas com o sentimento de injustiça e não somente pelos critérios da racionalidade. Nesse

sentido, a realidade social pode se evidenciar claramente pela injustiça como não reconhecimento a determinados grupos, desde proletários até aqueles com demandas específicas.

Quando tratamos da Reificação, por exemplo, podemos analisar que os estudos de psicologia evolutiva e também de psicanálise soam como caros a proposta de Axel Honneth, autores como John Dewey e Stanley Cavell parecem dar o suporte ontogenético as conceituações sobre a “práxis original” do ser humano. Esses dois autores, assim como, Donald Winnicott, pressupõem como ponto de entendimento comum uma predisposição humana ao reconhecimento mútuo, tanto na aprendizagem como no desenvolvimento emocional e cognitivo que possibilitou a Honneth desenvolver a tese de que a reificação enquanto patologia social está mais ligada ao esquecimento de reconhecimento primário.

Com o exposto até aqui podemos considerar então os pontos que buscamos tratar nessa dissertação dizem respeito a tese de que, na construção do modelo crítico honnethiano à psicanálise ocupa um lugar de destaque para referendar a ideia Hegeliana do reconhecimento. Nesse sentido, passamos a compreensão de que o autor na tentativa de buscar uma via empírica para essa sociabilidade inata lança mão da teoria das relações de objeto do psicanalista Donald Winnicott, uma proposição que parte justamente da possibilidade de que a construção da personalidade depende exclusivamente de um processo de amadurecimento dialógico e de um reconhecimento mútuo entre mãe-bebê que se inicia desde o nascimento.

Por fim, percorremos um caminho que buscou de certa forma conjugar alguns pressupostos fundamentais da teoria crítica com a psicanálise, sobretudo, através da eleição de Honneth como nosso autor principal, nesse

sentido, buscamos suscitar no debate sociológico as discussões sobre as possibilidades de apreensão de novos modelos psicanalíticos para se pensar as possibilidades normativas e de emancipação na Teoria Crítica, fato este, reforçamos mais uma vez, já amplamente discutido em outros círculos teóricos.

Referências Bibliográficas

ABROMEIT, John. Max Horkheimer and the foundations of the frankfurt school. cambridge: cambridge university press. 2011

ASSOUN, Paul- Laurent. Metapsicologia freudiana: uma introdução, tradução Dulce Duque Estrada; revisão Marcos Comaru. Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar. 1996.

BANNWART JUNIOR, Clodomiro Jose. Moral pos-convencional em Habermas. 2002. 162p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

BANNWART JUNIOR, Clodomiro José. Perspectiva evolucionária na teoria social crítica de Habermas. Trans/Form/Ação, Marília , v. 36, n. spe, p. 67-86, 2013 .

BLUM, Vera Lúcia. O estatuto das entidades metapsicológicas à luz da teoria kantiana das ideias. Campinas: UNICAMP, Centro de Lógica, epistemologia e História da Ciência, (Coleção CLE; v.24). 1998.

CAMARGO, Silvio; SOUZA, Luiz Gustavo de Cunha. Axel Honneth leitor de Lukács: reificação e reconhecimento. Pensamento Plural (UFPEL), v. 6/11, p. 165-186, 2012.

_____. Lições weberianas em György Lukács. Revista Novos Rumos, v. 50, p. 1-20, 2013.

CRISSIUMA, Ricardo. Trocando o jovem pelo velho: Axel Honneth leitor de Hegel. In: Rúrion Melo. (Org.). A Teoria Crítica de Axel Honneth: Reconhecimento, Liberdade e Justiça. 1ed. São Paulo: Saraiva, 2013, v. 1, p. 55-82.

DUBOIS, Christian. Heidegger: introdução a uma leitura. Trad. Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DUNKER, C. I. L. - Aspectos Históricos da Psicanálise Pós-Freudiana In: História da Psicologia - Rumos e Percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2007, v.1, p. 387-412.

FREITAG, Barbara. Habermas e a teoria da modernidade. In: Caderno CRH, Salvador, n. 22, jan/jun 1995, p. 138-163.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos Sonhos (1900). In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 5. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O Inconsciente (1915). In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, volume 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O instintos e suas vicissitudes (1915). In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, volume 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Esboço de psicanálise (1940). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, volume 23. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FROMM, Erich. Método e função de uma psicologia social analítica. In: FROMM, E. Crise da psicanálise: ensaios sobre Freud, Marx e Psicologia Social. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1971.

FROMM, Erich. The Method and Function of an Analytic Social Psychology: Notes on Psychoanalysis and Historical Materialism (1932) in Arato, Andrew, and Eike Gebhardt. The Essential Frankfurt School Reader. New York: Urizen Books, 1982.

FULGENCIO, Leopoldo. As especulações metapsicológicas de Freud. Natureza humana. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 129-173, jun. 2003 a.

FULGENCIO, Leopoldo. Kant e as especulações metapsicológicas em Freud. Kant e-Prints. Campinas, Vol. 2, n. 9, 2003 b

FULGENCIO, Leopoldo. Fundamentos kantianos da psicanálise freudiana e o lugar da metapsicologia no desenvolvimento da psicanálise. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 37-56, Mar. 2007.

GIACOIA, Oswaldo. Além do princípio do prazer: um dualismo incontornável. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (coleção para ler Freud). 2008

GOMES, Gilberto. Os Dois Conceitos Freudianos de Trieb. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 17, n. 3, p. 249-255, Set. 2001.

HABERMAS, J. Para a reconstrução do materialismo histórico. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HABERMAS, Jürgen. Teoría de la acción comunicativa I: Racionalidad de la acción y racionalización social. Tradução de Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Taurus, 1987.

_____. Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HADDAD, Fernando. Dialética positiva: de Mead a Habermas. **Lua Nova**, São Paulo, n. 59, p. 95-114, 2003.

HEGEL, G. W. F. Fenomenologia do espírito. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992.

HEGEL, G.W.F. "Princípios de Filosofia do Direito". Martins Fontes. SP. 2003.

HONNETH, Axel. The social dynamics of disrespect: situating Critical Theory today. In: Dews, Peter. (Org). Habermas a Critical reader. Oxford, UK: Ed. Blackwell Publishers: 1999.

HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento. A gramática moral dos conflitos sociais. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Ed 34. 2003.

_____. Reificación um estudio en la teoría del reconocimiento. Buenos Aires. Katz, 2007a.

_____. *Love and morality: on the moral content of emotional ties in Disrespect: the normative foundations of critical theory.* Cambridge. Polity Press, 2007 b.

_____. Sofrimento de indeterminação. Uma reatualização da filosofia do direito de Hegel. São Paulo: Esfera Pública, 2007c.

_____. Observações sobre a reificação. Tradução: Emil Sobottka e Giovani Saavedra. Civitas. Porto Alegre, v 8/1, p. 69-79, 2008.

_____. Crítica del Poder. Fases en la reflexión de una teoría crítica de la sociedad. Madrid: Visor. 2009.

_____. O direito da liberdade. Tradução: Saulo Krieger. São Paulo. Martins, 2015.

JOAS, Hans. G. H. Mead: a contemporary re-examination of his thought. Massachusetts: The MIT Press Cambridge, 1997.

LOPARIC, Zeljko. Além do inconsciente: sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise. Natureza humana, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 91-140, jun. 2001.

LOPARIC, Zeljko. De Kant a Freud: um roteiro. Kant e-Prints. Campinas, Vol. 2, n. 8, 2003.

LOPARIC, Zeljko. Os problemas da razão pura e a semântica transcendental. Dois Pontos. Curitiba, São Carlos, vol. 2, n. 2, p.113-128, out, 2005.

McCARTHY, Thomas. La Teoria Crítica de Jürgen Habermas. Tradução Manuel Jiménez Redondo. 2. ed. Madrid: Tecnos, 1992.

MEAD, George. Herbert. The philosophy of the act. The University of Chicago Press. 1959.

_____. Mind, self and society. The University of Chicago Press. 1970.

_____. Mente, Self e Sociedade MORRIS, C. W. (Org.) (Trad. Maria Silvia Mourão) Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2010.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Teorias críticas e pragmatismo: a contribuição de G. H. Mead para as renovações da Escola de Frankfurt. Lua Nova, São Paulo , n. 90, p. 367-403, Dec. 2013 .

NOBRE, Marcos, Januário, Adriano, Concli, Raphael, & Yamawake, Paulo. (2013). Os modelos críticos de Max Horkheimer. Novos estudos CEBRAP, (96), 153-163.

OLMOS, Angel Prior. La Teoría de la Acción Social de J. Habermas. Revista de Filosofía. p. 173-196, 1991

PASSOS-FERREIRA, Claudia. Intersubjetividade e Autoconsciência. In: Nelson Coelho Jr; Pedro Salem; Perla Klautau. (Org.). Dimensões da Intersubjetividade. 1ed.São Paulo: Escuta, 2012, v. , p. 163-179.

PIAGET, Jean. A Psicologia da Criança. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Difel, [1966], 2007.

REPA, Luiz “Jurgen Habermas eo modelo reconstrutivo de Teoria Crítica”. In: Nobre, M. (org.). Curso livre de Teoria Crítica. Campinas: Papyrus. 2008

RIBEIRO, Caroline Vasconcelos. A crítica de Heidegger à herança metafísica da psicanálise freudiana e a possibilidade de uma psicanálise não metafísica. Campinas, 2008. (Tese de doutoramento).

SOUZA, Luiz Gustavo da Cunha de. Reconhecimento como Teoria Crítica? A formulação de Axel Honneth. 2009. 154 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

SOUZA, Luiz Gustavo Cunha de. O que há de especificamente sociológico na teoria do reconhecimento de Axel Honneth? *Sociologia & Antropologia*, vol. 2, n.4, 2012, p.61-80.

THIJSSSEN, Peter. (2012) From mechanical to organic solidarity, and back: with Honneth beyond Durkheim. *European Journal of Social Theory*, vol.15, nº4.

YAMAWAKE, Paulo. Caráter e antropologia em Max Horkheimer. 2015. 104 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

WICKERT, Tarcísio Alfonso. Reconhecimento em Hegel: uma análise da fenomenologia do espírito e dos princípios da filosofia do direito. Tese de Doutorado. Florianópolis, 2013.

WILLIAMS, Robert. R. Recognition: Fichte and Hegel on the other. New York. State University of New York Press, 1992.

WINNICOTT, Donald. W. A criança e seu mundo. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1982.

WINNICOTT, Clare. (org) (1989) Explorações Psicanalíticas: D.W. Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

WINNICOTT, Donald W. Natureza humana. Rio de Janeiro, Imago, 1990.

WHITEBOOK, Joel. "Mutual Recognition and the Work of the Negative". In REHG, William and BOHMAN, James (eds). *Pluralism and the Pragmatic Turn. The Transformation of Critical Theory. Essays in Honor of Thomas McCarthy*. Cambridge: MIT Press. P. 257-293. 2001.